



**BAPTISMO
NA ÁGUA**

**Hoje:
CADUCO, ABSURDO
e OBSOLETO**

CARLOS M. F. DE OLIVEIRA

BAPTISMO NA ÁGUA

Hoje:

CADUCO, ABSURDO e OBSOLETO

CARLOS M. F. DE OLIVEIRA

PUBLICAÇÃO de

A IGREJA EM QUINTA DO CONDE

Rua Sousa Martins, (antiga Rua 3) Lote 532 R/C

Quinta do Conde 1

2975-301 Quinta do Conde

e-mail: geral@iqc.pt

Portal: www.iqc.pt

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Prefácio..... | 5 |
| Introdução | 6 |
| Um Grande Dilema | 9 |
| Diferenças entre os ministérios de Pedro e de Paulo | |
| Efeitos progressivos da cruz | |
| Um Grande Pormenor..... | 11 |
| Baptismo na água. Acto de obediência Cristã? | |
| Uma Grande Sugestão | 12 |
| O que dizem as Escrituras? | |
| Um Grande Engano | 13 |
| O baptismo na água ao longo dos séculos | |
| Diversidade de opiniões divergentes | |
| Uma Grande Omissão | 14 |
| Baptismo na água: ordenado não à Igreja — Corpo de Cristo | |
| O seu significado | |
| A lei da primeira menção | |
| A primeira ocorrência | |
| O baptismo e a ceia do Senhor | |
| Uma Grande Perda | 17 |
| O propósito quádruplo do baptismo na água | |
| Uma Grande Invenção..... | 20 |
| Alegados propósitos para a prática do baptismo hoje | |
| Uma Grande Deturpação | 23 |
| Actos 19.1-7: Re-baptismo? | |
| Uma Grande Ignorância | 24 |
| O baptismo do Senhor Jesus Cristo | |
| Podemos seguir o Senhor no baptismo? | |
| Uma Grande Desmistificação | 27 |
| Desmistificação do alegado significado | |
| Sepultura ou purificação? | |
| O eunuco, os cerca de 3000 de Pentecostes, Saulo, | |
| Lídia, o carcereiro de Filipos, os Coríntios | |
| Significado real da palavra baptismo: Identificação | |
| Uma Grande Incoerência | 36 |
| Baptismo e sinais: sempre associados, nas Escrituras | |
| Uma Grande Diferença | 37 |

Alegria no batismo? Estudos prévios preparativos?
Batismo depois da recepção do Espírito?

Uma Grande Evidência 39
A explicação de I Cor. 1.14-17

Uma Grande Clareza 45
A explicação de Heb. 6.1,2

Uma Grande Inverdade..... 48
A falácia dos argumentos a favor do batismo hoje

Uma Grande Curiosidade 50
As palavras Gregas para batismo
Dez batismos diferentes

Um Grande Batismo52
O batismo operado pelo Espírito

Anexo A 53
Testemunho de esclarecimento

Anexo B 56
A glória do "UM SÓ BAPTISMO"

PREFÁCIO

Este livro é uma prova de que a Palavra de Deus é, na realidade, um tesouro donde se tiram "coisas novas e velhas" (Mateus 13:52), e que "o mandamento do Senhor é amplíssimo" (Salmo 119:96).

Ao longo dos séculos, à medida que vamos penetrando na profundidade desta mina inesgotável, vamos redescobrimo "as riquezas encobertas" (Isaías 45:3) que sempre lá se encontraram, mas que têm estado soterradas.

As pedras preciosas trazidas para a superfície, refulgem à luz do sol e os seus raios brilhantes convergem sempre para a gloriosa pessoa do Senhor Jesus Cristo e da Sua Obra.

A redescoberta desta verdade acerca do baptismo na água, não diminui o valor e a apreciação que nutrimos pelo nosso Salvador, antes compreendemos através deste livro os planos de Deus ao longo dos tempos e em particular os Seus propósitos para a dispensação da graça em que vivemos. Isto leva-nos a louvar o Senhor pela harmonia da Sua Palavra, a qual estamos certos de que é "fiel e digna de toda a aceitação" (Timóteo 1:15).

Prezado leitor, estude este livro com uma mente aberta, um coração desejoso de conhecer a verdade e uma disposição de a aceitar e defender. Se tal acontecer pertencerá ao número daqueles a quem um dia o Senhor dirá: "... na batalha..." — pela sã doutrina — "... se esforçaram..." (Hebreus 11:34).

Palmeiro Barros

INTRODUÇÃO

A simples admissão da possibilidade de erro acarreta o terrível medo da mudança, na mentalidade da maioria. Queremos desmistificar esta síndrome da mudança que paira sobre muitos. Para eles, mudar significa degenerar.

Mas quem disse que mudar significa degenerar? Pode, em certas circunstâncias, ter de facto esse significado, mas não sempre. Mudar também significa progresso, e estamos certos que todo o crente sincero o deseja; mas não é estranho que muitos desejem progresso sem mudança? Como pode haver progresso sem mudança até mesmo no âmbito secular?

Apesar de nos considerarmos conservadores, não nos queremos tornar preservativos, e tentar a todo o custo manter as coisas como estão. A Igreja é um corpo; como tal muda; mudança motivada pelo amor, dirigida pela verdade Bíblica e dinamizada pelo Espírito Santo.

Há na Bíblia dois livros que tratam este delicado assunto da mudança — Jeremias e Hebreus.

O profeta Jeremias viu que o povo de Israel seria derrotado pelos Babilônicos e arrastado para o cativeiro. Perante isso, chamou-os ao arrependimento e ao abandono dos seus pecados. Porém os Israelitas estavam contentes com os seus "tesouros espirituais". No fim de contas tinham o templo, a arca, a lei, o concerto e os sacrifícios. Há séculos que possuíam, apreciavam e protegiam religiosamente tudo aquilo, de modo que nada de desastroso ou catastrófico poderia acontecer ao reino de Judá.

"Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, Templo do Senhor, Templo do Senhor é este", avisou Jeremias. Jeremias viu claramente que estava a chegar o dia em que o templo seria incendiado e destruído; que as coisas mudariam. (Jer. 7.4).

"E sucederá que, quando vos multiplicardes e frutificardes na terra, naqueles dias, diz o Senhor, nunca mais se dirá: a arca do concerto do Senhor, nem lhes virá ao coração, nem dela se lembrarão e visitarão; isto não se fará mais" (3.16). NÃO MAIS ARCA?! REPUGNANTE HERESIA!!!

Jeremias viu o dia em que um novo concerto seria introduzido e o velho desapareceria (31.31-40). Viu o dia em que os sacrifícios de animais não seriam mais reconhecidos (7.21-23), nem mesmo o rito solene da circuncisão (4.4). Quando Jeremias pregou isto e ensinou estas "novas doutrinas", os principais dos seus dias, tanto religiosos como políticos, consideraram-no como um herege e perturbador. Contudo Jeremias estava certo. Deus estava a operar mudanças, quer o povo de Israel quisesse ou não.

O escritor da carta aos Hebreus trouxe-lhes à mente que em Jesus Cristo tudo era melhor. Era verdade que o templo ainda estava de pé, que os sacerdotes ainda ministravam; mas com a introdução da nova dispensação — a dispensação da graça de Deus — tudo isso fora revogado.

Os destinatários da epístola aos Hebreus viveram num período de transição, de mudança; período em que dois programas distintos de duas dispensações igualmente distintas chegaram a vigorar ao mesmo tempo — Lei e Graça. Isso aconteceu historicamente no período dos Actos dos Apóstolos. Não deveria ter sido nada fácil para eles aquela mudança. A dispensação da graça despontara, mas a da lei ainda não tinha sido sepultada. Segundo Heb. 12.25-29, o Senhor estava a mudar tudo. Não admira vermos os Hebreus receosos e confusos. Sim, Deus estava a mudar tudo até à própria raiz. A santa cidade de Jerusalém seria destruída, a nação espalhada e o sacerdócio levítico nunca mais serviria nos altares do templo. Porém a obra de Deus prosseguiria segundo um novo caminho, segundo a Sua vontade.

A resistência à mudança em ambos os casos foi notória e inútil. A verdade vem sempre à tona, e por isso a mudança, mais cedo ou mais tarde, vinga. A resistência e oposição à verdade são, involuntariamente, seus cooperadores e implementadores.

Pois bem, não tenhamos receio de mudar, conquanto essa mudança seja motivada pelo amor, dirigida pela verdade das Escrituras e dinamizada pelo Espírito Santo. O conservadorismo fanático é míope; é doentio; é farisaísmo; não vê a verdade mas tão-somente a tradição.

Muitos talvez pensem que agora não há nada a mudar. Num certo sentido é verdade, pois ao contrário do que aconteceu nos dias de Jeremias e dos destinatários da carta aos Hebreus, a revelação Divina das Escrituras nos nossos dias está já há muito completa. Agora já não há mais revelações. Porém, atenção! Não nos esqueçamos que desde bem cedo a Igreja se desviou da fé — corpo de doutrina —, tendo mergulhado no abominante obscurantismo dos chamados séculos das trevas onde perdeu quase tudo quanto de precioso o Senhor lhe legara. Sabemos bem qual foi o resultado: uma igreja mesclada de Cristianismo, Judaísmo e Paganismo que deu pelo nome de Igreja Católica Romana. Perderam-se verdades nos escombros da derrocada e apostasia e introduziram-se erros em forma de doutrina, usos, ritos e costumes. Conhecemos a história. Mais tarde, quando alguns nela abriram os olhos e viram a incongruência, incoerência e contradição daquele sistema com as Escrituras, denunciaram o erro e demarcaram-se de toda aquela infidelidade saindo dela, pois outra alternativa lhes não restava, face ao já aludido conservadorismo fanático que era ali reinante. A esse movimento o mundo deu-lhe o nome de Reforma. Deu-se então início à redescoberta do que se perdera e ao saneamento do imundo e vil que se instalara. A mudança era inevitável, porém o processo lento e progressivo. Lutero e os que se lhe seguiram não redescobriram em anos o que se perdera durante séculos e séculos, e por isso, não obstante se terem libertado de muita coisa errônea, ainda continuaram com muitas crenças e práticas erradas. Têm sido muitos os crentes que até ao presente têm dedicado as suas vidas ao estudo das Escrituras e têm por assim dizer desenterrado dos escombros dos séculos muitas verdades preciosíssimas que se perderam e desarraigado erros que por mera tradição adquiriram raízes de escalarcho difíceis, por isso, de desaparecer. Entre as últimas verdades redescobertas e erros denunciados, destacamos: arrebatamento da Igreja e a sua distinção da vinda de Cristo à terra para reinar — "a bem-aventurada esperança" da Igreja, sujeição exclusiva a Cristo de cada assembleia local, pluralidade de pastores em cada igreja local; vinda de Cristo para julgar os vivos e os mortos, denominacionalismo e clericalismo. Isto pôs em causa pontos de vista tradicionais. Mudar sempre foi difícil, mas outro rumo não havia senão obedecer antes a Deus... Os crentes usados por Deus para a manifestação destas "novas doutrinas" que traziam ventos de mudança foram quase que odiados. Graças a Deus que, hoje, um grande número de crentes já vê o que só eles parecem ter visto, dando-lhe muitas graças por eles. Mais recentemente, outros redescobriram que a presente dispensação da graça de Deus era um MISTÉRIO, ou seja, SEGREDO, que Deus nunca revelara a ninguém antes, a não ser a Paulo e por seu intermédio (Efé. 3.1-11); que por conseguinte Paulo e não Pedro é que é o apóstolo por excelência desta dispensação — o apóstolo dos Gentios; que portanto o corpo de Cristo principiou com Paulo e não antes, etc. Ora a redescoberta destes factos claros nas Escrituras, que ainda se encontravam solapados, e por isso escondidos, afectam e MUDAM muitos conceitos errados nutridos desde a negridão dos séculos no que diz respeito à origem, destino e conduta do corpo de Cristo. Um deles trata-se da prática do Baptismo na água.

Esperamos, e nesse sentido oramos, que as experiências do passado no que concerne a este tipo de "novas doutrinas" poupe o leitor a juízos precipitados.

Sabemos que não é fácil, para alguém que tenha estado a praticar o baptismo na água há 30, 40 ou 50 anos, mudar de repente e deixar de o realizar. Sabemos que é sempre difícil (quase impossível) um pregador admitir que está errado. As três palavras mais difíceis de um pregador dizer são: "EU ESTOU ERRADO". Isso requer muita humildade, muita espiritualidade.

O assumir a verdade pode significar ser votado ao ostracismo; não tanto pelos crentes em geral, mas pelos "principais"; e ser considerado *persona non grata*; mas muito mais importa ser servo de Cristo que agradar aos homens (Gál. 1.10). "Compra a verdade e não a vendas" (Pró. 23.23).

A razão porque alguns se recusam a fazer um estudo honesto deste assunto, é porque temem que, ao fazê-lo, as suas consciências os persuadam à verdade de que o baptismo na água não está incluído no programa de Deus para a presente dispensação — e que, por a divulgarem publicamente, vejam os seus púlpitos, prestígio e salários (obreiros de tempo integral) sacrificados. Oh, que o Senhor lhes dê a graça de olharem só para Ele e de só d'Ele dependerem!

Mateus 13.52 afirma que o bom escriba tira dos seus tesouros "coisas novas e velhas". Os modernistas rejeitam os tesouros preciosíssimos das Escrituras, argumentando para tal o facto de serem velhos e ultrapassados. Trata-se dum triste facto deplorável. Mas, que dizer dos muitos crentes que, não obstante apegarem-se tenazmente às velhas verdades, rejeitam as novas? É triste e deplorável ver os meramente professos rejeitarem as velhas verdades meramente por estas serem velhas; mas não é menos triste e deplorável ver verdadeiros crentes rejeitarem muitas vezes as novas verdades só por estas serem novas. Será que estes irmãos conseguiram drenar e secar o poço inesgotável das Sagradas Escrituras? Não haverá mais pedras preciosas na Mina inexaurível? Será que já sabemos tudo? Será que já nos encontramos na terra de Canaã, ou ainda nos encontramos no deserto com muita incredulidade?

"Ouvi a correcção, não a rejeiteis, e sede sábios" (Pró. 8.33).

Nós somos Bibliófilos (amor à Bíblia) e não Hidrofóbicos (horror à água), a não ser quando injectam nas Escrituras água em porção seca, como infelizmente muitos fazem com textos hidrofrácticos (impermeáveis à água).

Estimado leitor, não julgue este livro pelo que leu até aqui, como infelizmente alguns fazem só pelas capas ou pelos títulos. Leia-o até ao fim com uma Bíblia aberta ao lado, e no fim, então, sim, "julgue justamente".

UM GRANDE DILEMA

O batismo na água praticado em Pentecostes é quase universalmente chamado "batismo cristão". Diz-se que é o último mandamento de Cristo para a Igreja e por conseguinte para obediência dos crentes até ao fim dos séculos. É interpretado de várias formas. Pela maioria das denominações cerimoniais é tomado no sentido literal, e é considerado ser essencial para o perdão dos pecados. Pela maioria das denominações evangélicas é considerado ser uma espécie de testemunho da salvação que deveria ser praticado por todos os cristãos, mas que não é de forma alguma essencial para a salvação.

Esta diferença de interpretação deve-se à diferença entre os ministérios de Pedro e de Paulo, e ao fracasso em distinguir essas diferenças¹. A mensagem de Pedro em Pentecostes torna o batismo necessário à salvação. A mensagem de Paulo torna claro que a salvação é por graça aparte de todas as obras religiosas de justiça. Os cerimonialistas, supondo que Pedro e Paulo pregaram a mesma mensagem, pensam que devemos tomar Pedro

¹ O ministério e apostolado de Paulo é diferente do de Pedro e dos doze.

Os **doze** apóstolos são representantes da nação de Israel, que tem **doze** tribos e **doze** tronos. Paulo, apóstolo único no seu apostolado, é representante do Corpo de Cristo, que é "UM SÓ Corpo". Ele era Hebreu e Romano, exactamente como o Corpo, que é constituído de Judeus e Gentios.

Os doze foram chamados por Cristo **na terra** e apenas O conheceram **na terra**, pois, na terra. Cristo ministrou ao Seu povo **terreno**.

Paulo foi chamado por Cristo no céu e apenas O conheceu **no céu**, pois, **no céu**. Cristo ministra ao Seu povo **celestial**.

Os doze foram enviados a proclamar o programa **profetizado** de Deus. A sua mensagem era de acordo com o que os profetas profetizaram (Cf. Act. 3.21,24).

Paulo foi enviado a proclamar o propósito **oculto** de Deus. A sua mensagem era desconhecida dos profetas (Cf. Rom. 16.25; Efé. 3.9; Col. 1.24-26).

A salvação que os doze deveriam levar às nações era através da **exaltação** da nação de Israel, isto é, a bênção iria às nações por instrumentalidade de Israel (Cf. Act. 3.24-26).

A salvação que Paulo foi enviado a levar às nações foi através da **queda** da nação de Israel, isto é, a bênção iria às nações a despeito da rejeição de Israel (Cf. Rom. 11.7-33).

Os doze, a quem o Senhor enviou às nações (Mat. 28.19,29; Mar. 16.15), **não foram**, tendo restringido o seu ministério exclusivamente a Israel (Cf. Gál. 2.9), devido à incredulidade dos Judeus, e ao sequente levantamento de Paulo como apóstolo dos Gentios.

Paulo foi às nações com uma mensagem inteiramente diferente (Gál. 2.7). Note-se que, depois de receber do Senhor glorificado a revelação da mensagem que iria levar às nações, ele foi a Jerusalém "expor o Evangelho" (Gál. 2.2) que pregava entre os Gentios a Pedro, Tiago e João. Se a mensagem que Paulo pregava era a mesma que os doze pregavam, como muitos pensam, porque é que Paulo havia de ir expor-lhes o que eles já sabiam? Ora, Paulo foi expor-lhes o Evangelho que ele pregava entre os Gentios, simplesmente porque eles o desconheciam. É por isso que posteriormente Pedro escreveu aos Judeus dizendo-lhes, "... tende por **salvação** a longanimidade de nosso Senhor Jesus; **como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu**...". Notemos bem: "salvação... como Paulo escreveu". (2 Ped. 3.15). Mas mais, o Evangelho que Pedro foi enviado a pregar, quando atingisse "todo o mundo" e "toda a criatura" viria "o fim" (Cf. Mat. 24.14 e Mar. 16.15). Pois bem, o Evangelho que Paulo pregou atingiu "todo o mundo" e "toda a criatura que há debaixo do céu" (Cf. Col. 1.5,6,23) e o fim **não** veio, o que demonstra que o Evangelho que ele pregou **não era a perpetuação** do Evangelho pregado pelos doze e que por conseguinte não era o mesmo Evangelho.

Muito mais poderia ser aqui dito ao longo da mesma linha de pensamento, mas julgamos que isto é suficientemente esclarecedor.

O leitor pode e deve julgar a pregação ou ensino de qualquer pregador hoje por meio deste regra: "Ele é Paulino?" A sua doutrina principia e termina segundo a doutrina enunciada por Paulo? Não importa quão maravilhoso o pregador possa parecer nos seus dons e aparente consagração. Se o seu Evangelho não for Paulino não é o Evangelho. Paulo invoca o anátema (a maldição de Deus) para quem pregar "outro Evangelho além do que" ele anunciou (Gál. 1.8). Na Bíblia há dois grandes reveladores da verdade Divina — Moisés no chamado Velho Testamento e Paulo no chamado Novo Testamento. Alguém poderá perguntar, "Então o grande ensinador não é Cristo?" Num certo sentido é verdade, mas realmente Cristo é a Pessoa ensinada no Evangelho e não a que ensina. Cristo é o tema da Bíblia. Assim como Deus escolheu Moisés para ser para Israel o revelador dos Dez Mandamentos, e de tudo o que se relacionava com a dispensação da lei, assim também Deus escolheu Paulo para ser o revelador das verdades relacionadas com a dispensação da graça. Tiremos da Bíblia as epístolas que se encontram entre Romanos e Hebreus e ficaremos despojados do Cristianismo. Por exemplo, se tirarmos as epístolas de Paulo da Bíblia, não encontraremos nada acerca da Igreja — Corpo de Cristo, pois nenhum outro apóstolo menciona o Corpo de Cristo. Não encontraremos nada acerca do Arrebatamento da Igreja (I Tes. 4 e I Cor. 15) nem do mistério do presente endurecimento de Israel (Rom. 11) pois mais ninguém fala acerca disto nas Escrituras. Só Paulo é que revela estas coisas. Nem nunca poderíamos encontrar o significado exacto de grandes doutrinas, e só para citar algumas, tais como Propiciação, Reconciliação, Justificação, Identificação, Redenção, Eleição, Predestinação, Santificação, Imputação, Glorificação.

à letra e que Paulo deve ser interpretado à luz da pregação de Pedro, de modo que ser salvo aparte das obras de justiça, não significa salvação aparte do batismo na água. Os evangélicos, por outro lado, não vendo também qualquer diferença entre os evangelhos pregados por Pedro e por Paulo, pensam que devemos tomar à letra as declarações de Paulo e interpretar a chamada "Grande Comissão" e a pregação de Pedro à luz das epístolas de Paulo. Se ambos, cerimonialistas e evangélicos, fossem tão-somente obedientes ao mandamento de Deus para manejarem bem a Palavra da Verdade, reconheceriam que Pedro e Paulo receberam dois ministérios distintos, e por conseguinte podemos tomar à letra tanto Pedro como Paulo. O batismo na água era essencial sob o ministério de Pedro. Sob o ministério de Paulo, o batismo não somente não era necessário como não era sequer parte da revelação distinta do Evangelho da graça de Deus que Ele lhe confiou.

O grande dilema de muitos tem sido a impossibilidade de harmonizarem os ensinamentos de Paulo com a interpretação literal dos ensinamentos de Pedro. Assim, espiritualizam ou diluem a ênfase dos ensinamentos de Pedro, em vez de verem a diferença dos seus ministérios, e continuam a praticar a cerimônia do batismo na água, porém destituída do seu verdadeiro significado e propósito Bíblico, como os Adventistas do Sétimo Dia que procuram guardar o Sábado sem as suas penalidades.

Alguns julgam impossível acreditar que depois da morte e ressurreição de Cristo qualquer requisito para a salvação pudesse ser imposto aparte da fé na obra consumada de Cristo. Portanto não podem crer que Cristo quisesse dizer que só os que cressem e **fossem batizados** seriam salvos. Não podem crer que o dom do Espírito Santo em Pentecostes estivesse condicionado ao batismo na água para a remissão dos pecados. Podem compreender como é que nos dias do Velho Testamento e até mesmo sob o batismo de João uma cerimônia era necessária e até instrumental no perdão dos pecados, mas depois da morte de Cristo pelo pecado tais práticas tiveram que ser abolidas. Será assim? Há um princípio muito importante envolvido em todos os tratos de Deus na salvação. É este: toda a bênção e tudo o que envolve a derrota do diabo é por virtude da cruz; mas nem tudo ocorre **historicamente** na altura da crucificação. Segundo Hebreus 2.14 Cristo destruiu o diabo **pela Sua morte**, mas historicamente o diabo ainda não foi destruído. Isto é apenas um exemplo. Não nos esqueçamos que os efeitos da cruz foram sendo implementados progressivamente, no tempo. As verdades ganhas pela cruz foram manifestadas e reveladas, não imediatamente, mas "**a seu tempo**". Note nesta relação as seguintes passagens:

*"... vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos; **Mas a seu tempo manifestou a Sua Palavra pela pregação que me (Paulo) foi confiada ...**" (Tito 1.2,3).*

*"Cristo ... se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, **para servir de testemunho a seu tempo**. Para o que ... fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos Gentios na fé e na verdade" (I Tim. 2.6,7).*

Não é, pois, de admirar vermos depois da crucificação Pedro requerer o batismo "para perdão dos pecados". As verdades conseguidas pela cruz, que aboliram tudo o que com a lei se relacionava, foram reveladas pelo Senhor mais tarde a Paulo e por seu intermédio.

UM GRANDE PORMENOR

De acordo com as Escrituras o baptismo na água nunca foi um acto de obediência *Cristã*. Procuraremos em vão nas Escrituras um só mandamento que seja para que uma alma salva seja baptizada. As instruções Neotestamentárias a respeito do baptismo são dadas aos *evangelistas* a respeito dos *candidatos* à salvação.

Mateus 28.19 é um texto muito claro: "Portanto ide, ensinai todas as *nações* (não as igrejas), baptizando-*as* (não almas salvas)...". Quando o Senhor mandou baptizar não deixou dúvidas quanto a quem se devia sujeitar ao baptismo: — as *nações*; os ainda não salvos, candidatos à salvação.

Marcos 16.15,16 não é menos claro: "E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado *será salvo*...". O Senhor mandou de facto baptizar, sim, mas os candidatos à salvação.

Não há nenhum mandamento da parte do Senhor para sujeitar as almas salvas ao baptismo na água. Quando em vigor, o baptismo era para ser experimentado pelas almas não-salvas candidatas à salvação. Só depois de baptizadas as almas eram salvas, pois só então tinham os seus pecados perdoados e recebiam o Espírito Santo. (Conf. Mar. 16.15,16 c/ Act. 2.37,38; 22.16).

Ora, quando há quem queira praticar o baptismo na água nos nossos dias, sob o pretexto de que ainda hoje está em vigor, e recusa ministrá-lo aos candidatos à salvação e o exige aos salvos, não se encontrará, à luz das Escrituras, deslocado da vontade de Deus?

Este é um grande pormenor que não deve passar despercebido ao mais incauto, sob pena de se cair em contradições gritantes, atentatórias à grandeza das Escrituras e à glória de Deus.

UMA GRANDE SUGESTÃO

Se a Igreja falasse com autoridade infalível não teríamos senão que render obediência cega ao seu ensino; porém, como ela tem e deve apelar para as Escrituras, tem que colocar uma Bíblia aberta nas nossas mãos. É por essa razão que temos pegado nas nossas Bíblias e, como os nobres Bereanos (Cf. Act. 17.11), temos examinado "se estas coisas eram assim".

Os apologistas da prática do batismo na água hoje têm procurado substanciar os seus argumentos, por exemplo, ao tentarem encontrar registros históricos de afirmações dos chamados Pais da Igreja. A história da Igreja tem a sua importância e os crentes devem estar relacionados com ela, porém nunca se deve permitir que esta se constitua autoridade nas nossas crenças e práticas. Quanto mais familiarizados nos tornamos com a sua história, mais se nos transparece a evidência de que no seu desenvolvimento histórico a Igreja se tem desviado da Palavra de Deus, que os chamados Protestantes, como um todo, sempre professaram ser a sua única regra de fé e conduta.

Há muito que se fazia sentir a necessidade dum estudo Bíblico um tanto ou quanto exaustivo acerca da verdade do batismo na água. Ei-lo finalmente nas suas mãos. Este tratado capacitará qualquer crente, despedido de preconceitos e com uma mente aberta e sincera, a tirar as suas próprias conclusões sobre este assunto que tão controverso tem sido, desde sempre, na Igreja professa. Quando confrontado com polémicas desta natureza, o crente sincero deve perguntar, "O que dizem as **Escrituras**?". Deve ser isso, e não o que diz a tradição, que todo o crente deve procurar saber e que nós próprios fizemos, neste tratado que agora lhe facultamos.

Como já dissemos, muitos querem saber o que os chamados Pais da Igreja pensavam sobre o assunto procurando extrair daí dividendos. Que nos interessa isso?

"Em tudo o que concerne à vida e piedade" as palavras das Sagradas Escrituras são tão simples e claras que até mesmo uma criança pode enxergar o seu significado e, assim, compreendê-las. "*Desde a tua meninice sabes as sagradas letras*" (2 Tim. 3.15).

Porém os escritos dos "Pais" quem no-los interpretará? Escolas rivais de pensamento Cristão apelam para eles a fim de se fornecerem de apoio para os seus argumentos contraditórios. Quem é que, então, arbitrará esses argumentos? E por que padrão? E porque é que nos havemos de volver do que é claro e simples para um labirinto mesclado de heresia e verdade?

"A exposição das Tuas palavras dá luz; dá entendimento aos simples" (Sal. 119.130).

Os que se iram connosco por manifestarmos as nossas convicções assentes no ensino das Escrituras, convém que saibam que não nos podemos calar, mesmo por amor a eles. Seria uma loucura da nossa parte trocar a eterna Palavra de Deus por meia dúzia de amizades terrenas. Muito desejaríamos que continuassem nossos amigos, mas se substituem a salvação por meio da cruz pelo batismo na água como base para a comunhão Cristã, só podemos orar para que Deus lhes abra os olhos e amoleça os corações. Não podemos mudar a nossa posição por amor a eles, pois neste aspecto, "*se agradássemos aos homens não seríamos servos de Cristo*" (Gál. 1.10).

Esperamos que todos os que lerem este tratado o façam no espírito dos nobres Bereanos que "receberam a Palavra de bom grado, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim" (Act. 17.11). Uma grande sugestão que lhe fazemos.

UM GRANDE ENGANO

O facto de "a Igreja em geral" ter sempre praticado o baptismo na água ao longo dos séculos tem sido citado pelos que o advogam nos nossos dias como uma das grandes razões para a sua prática hoje. Tais têm, porém, caído num grande engano!

"A Igreja em geral" nunca foi unânime quanto a questões Bíblicas importantes como, para citar apenas algumas, o começo da dispensação da graça, do Corpo de Cristo, ou da Igreja, a vinda de Cristo, a segurança eterna do crente, os dons sinais miraculosos Pentecostais, etc., etc.; e a prática do baptismo na água não constitui excepção à regra. Que tem ensinado "a Igreja em geral" quanto à *forma* do baptismo na água? O baptismo deve ser por imersão, aspersão, ou derramamento? E *quem* deve ser baptizado? Crianças ou adultos, salvos ou perdidos? E ser baptizado *para quê*? Para a salvação, ou por causa da salvação? E *quem deve baptizar*? Evangelistas, pastores, qualquer crente? Poderíamos multiplicar aqui um sem número de perguntas em que ela tem estado dividida nas suas respostas. Poder-nos-á assim merecer crédito o parecer d'"a Igreja em geral"? Todos nós sabemos que "a Igreja em geral" esteve sempre, e continua a estar, tão confusa e dividida que não pode ser apresentada como autoridade. Os seus ministros não têm apenas discordado como também guerreado entre si a propósito de verdades Bíblicas importantíssimas como é o caso do baptismo na água. (Ver "*Testemunho de Esclarecimento*" em Anexo A).

Há um século atrás, quando perguntaram a John Nelson Darby o que é que ele defendia a respeito do baptismo, ele retorquiu: "Defendo a minha língua!" Tal exclamação revelou as profundas divergências existentes já nos seus dias acerca desta verdade Bíblica tão importante e a incerteza que ele mesmo tinha quanto à verdade absoluta sobre o assunto.

Perante o atrás exposto que faremos? Esqueceremos o assunto? Ignorá-lo-emos? Meteremos, como a avestruz, a cabeça debaixo da areia? Volver-nos-emos para Roma, onde a discórdia não é menor, mas onde não é permitido erguer a voz? Submeter-nos-emos à sua tirania espiritual para realizarmos e conseguirmos a "unidade"? Não! A Igreja não é nem deve ser, como já vimos, a nossa autoridade final em questões de fé e prática, mas sim **a Palavra de Deus**. Nós não devemos adquirir as nossas convicções pelo que "a Igreja em geral" ou os seus ministros ensinam, mas pelas Escrituras. Porque "a Igreja em geral" não tem adquirido as suas convicções sobre o assunto apenas pelas Escrituras; quando a sua crença é questionada, as suas respostas são superficiais, satisfazendo-se em simplesmente crer no que a tradição ensina. Temos é que nos debruçar sobre as Escrituras num estudo sério e exaustivo sobre a matéria. Teremos ocasião de ver, pelas Escrituras, que não obstante ter sido uma prática constante d'"a Igreja em geral", o baptismo na água *nada, absolutamente nada*, tem a ver com o Corpo de Cristo — a Igreja.

Não cremos, por conseguinte, que haja algum crente que possua qualquer base, para nos acusar de heresia, só porque não cremos que o baptismo na água não se encontra incluído no programa de Deus para a presente dispensação da graça. A grande diversidade de opiniões a respeito do baptismo "na Igreja em geral" não é em si uma prova de que a maioria está, no mínimo, parcialmente errada nos seus pontos de vista?

Mas, ... dirão alguns que a prática do baptismo na água não é assumida, pelos que a defendem hoje, apenas devido à "Igreja em geral" a ter sempre observado, mas fundamental e principalmente porque as Escrituras a sustentam e ordenam.

Será assim? É isso que iremos procurar ver desde já nas Escrituras, como gostavam de fazer outrora "os nobres Bereanos"!

UMA GRANDE OMISSÃO

É de facto inegável que as Escrituras têm sido citadas como motivo e base para a prática do baptismo na água na dispensação presente, por parte dos que o advogam; porém, permiti-nos os tais que, com o respeito que nos merecem as suas convicções e sinceridade, digamos serem as Escrituras por eles apresentadas a este respeito, destituídas de qualquer crédito, em virtude de, como veremos, nada terem a ver com a dispensação **em que vivemos**, ou nada terem a ver com o baptismo **na água**. Sim, veremos que tais passagens ou nada têm a ver com o baptismo **na água** ou, se têm, não dizem respeito à dispensação da graça — **à Igreja**.

O que nos importa saber na clarificação de que carecemos, não é se as Escrituras ordenam a prática do baptismo na água, mas se a ordenam à *Igreja — Corpo de Cristo*. As Escrituras também ordenam a imolação de animais em sacrifício a Deus, a guarda do sábado, etc., e somos por elas ensinados de que tais práticas não são requeridas nem ordenadas à Igreja — Corpo de Cristo.

Se o baptismo na água estivesse incluído no programa de Deus para a presente dispensação da graça, onde é que esperaríamos encontrar a ordem para o praticarmos? Nos chamados quatro Evangelhos? No Livro dos Actos? Se procurarmos aí a ordem, será honesto e justo escolher o baptismo para ser praticado e deixar de fora as línguas, sinais, sacrifícios, lei, circuncisão, etc., etc.? É claro que não, pois nenhum destes livros foi dirigido aos Gentios ou ao Corpo de Cristo, ou escrito a seu respeito. Foi a *Paulo*, "o apóstolo dos Gentios" que o Senhor, da glória, confiou "*a dispensação da graça de Deus*"² e foi ele que escreveu à "*Igreja, que é o Seu corpo*". Paulo escreveu mais livros que todos os outros escritores do chamado Novo Testamento juntos, ainda assim procurar-se-á em vão nas suas epístolas um único mandamento, ou mesmo uma exortação para os crentes se submeterem à prática do baptismo na água.

Certa ocasião foi feita na rádio a seguinte pergunta a um ouvinte: "Qual a percentagem do globo terrestre que é coberta com água?" "Deixe-me pensar", disse ele. "Cem por cento", concluiu. Escusado será dizer que no estúdio os presentes rebentaram a rir.

Porém, nós, não nos ríamos muito alto, pois uma grande maioria dos crentes tem uma concepção idêntica a respeito da palavra bíblica *BAPTISMO*. Têm a noção de que a palavra *baptismo*, em si, significa baptismo na **água**. Vêem água quase por todo o lado:

Romanos 6.3,4 — **água!** Gálatas 3.27 — **água!** Efésios 4.5 — **água!** Colossenses 2.12 — **água!** Porém, **nestas** passagens, a palavra *baptismo* não se refere a *baptismo na água*. Não leiamos água, onde ela não existe, pois se o fizermos meteremos água!

É triste constatar que por vezes o mundo tem uma melhor compreensão da palavra *baptismo* que os crentes. Os escritores seculares aludem muitas vezes, por exemplo nos seus escritos, ao que eles denominam de *baptismo* de fogo, significando com isso determinada *experiência amarga* tida.

Tem sido a tradição eclesiástica que tem induzido milhões a pensarem em **água** mal ouvem ou lêem a palavra *baptismo*, e isso tem sido uma das causas desses milhões ficarem impedidos de compreenderem a glória do "UM SÓ BAPTISMO" de Efésios 4.5 — o baptismo pelo Espírito de I Cor. 12.13 —; o único que hoje está em vigor.

Todo o estudioso das Escrituras sabe muito bem que para se conseguir entrar no conhecimento pleno e compreensão de uma determinada palavra ou verdade bíblica, é de importância capital procurar nas Escrituras a sua primeira menção ou ocorrência, pois esta encerra invariavelmente a chave e o segredo do seu significado.

² Ler bem Efé. 3.1-10.

Ora no que concerne à verdade do baptismo na água acontece que, aparentemente, os defensores da sua prática nunca se preocuparam com a(s) primeira(s) menção(ões) nas Escrituras, pois de outra forma não teriam adquirido as convicções deficientes e erradas que têm sobre a matéria. Estamos em crer que os crentes em geral nunca se debruçaram a sério e a fundo sobre esta questão, mas têm antes aceite sem discussão e de ânimo leve a "herança" que a "Igreja em geral" lhes legou. Em virtude de "a Igreja em geral", tanto quanto rezam os seus anais, ter praticado o baptismo na água, e como as Escrituras falam nele e o ordenam, tem sido aceite sem qualquer objecção. Contudo, se os crentes quiserem fazer um estudo sério e profundo do assunto, e o começarem a analisar desde a sua primeira menção, descobrirão que afinal, a despeito das Escrituras ordenarem a prática do baptismo na água, este não tem o significado e propósito que habitualmente lhe é conferido, nem foi ordenado ao Corpo de Cristo, para sua obediência. Tendo os crentes em geral olvidado, na análise desta questão tão importante, **a lei da primeira menção**, perderam irremediavelmente a chave da compreensão desta doutrina bíblica, ficando ainda entregues a opiniões diversas e contraditórias, todas elas erradas, oferecendo ao mundo um testemunho que não é nada abonatório da unidade prática do Corpo de Cristo. A nossa oração e esforço é que todos cheguem à "plena certeza da compreensão" desta verdade, e se regozijem no Senhor com esse facto.

A primeira menção da verdade do baptismo na água ocorre no Livro de Êxodo. As Escrituras revelam claramente que o baptismo ritual foi instituído no Sinai sob a Lei de Moisés. Hebreus 9.1,10 é muito elucidador a esse respeito:

"Ora também o primeiro (concerto) tinha ordenanças de culto divino..."

"Consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias *abluições* (Gr. *baptismos*) e justificações da carne, impostas até ao tempo da correcção."

Este texto das Escrituras revela que o concerto Mosaico tinha como ordenança, entre outras coisas, *abluições* ou lavagens — no original a palavra Grega é o termo *baptismos*, de onde vem a nossa palavra baptismos. O mesmo termo ocorre em Heb. 6.2 e é ali traduzido pela palavra **baptismos**. Vemos assim que a palavra *baptismos* é usada aqui para descrever as cerimónias de purificação da Lei Levítica — as lavagens. Quando induzidos ao sacerdócio os sacerdotes eram sujeitos a lavagens (Êxo. 29.4). O escritor de Hebreus chama a essas lavagens *baptismos*. É aqui, pois, que temos a primeira menção cronológica bíblica relativamente à verdade do baptismo na água. Em Levítico, existem para cima de vinte referências relativamente às diversas lavagens ou baptismos. Daqui vemos que o baptismo teve desde sempre um significado completamente diferente do que lhe tem sido atribuído. O baptismo na água significa *lavagem* ou *purificação* — nunca sepultura, ou outra coisa qualquer. Em Marcos 7.1-8 as palavras Gregas *baptizo* e *baptismos* são traduzidas por *lavar*. A contenda baptismal aludida em João 3.22-24 era acerca da *purificação*. Quando Paulo foi baptizado por Ananias, este disse-lhe: "Levanta-te, e baptiza-te, e lava os teus pecados" (Act. 22.16).

Muitos crentes sinceros supõem (erradamente) que a prática do baptismo na água se trata duma inovação Neo-testamentária, uma vez que a palavra baptismo não ocorre no chamado Velho Testamento. É claro que não poderia ocorrer, pois o Velho Testamento foi escrito em Hebraico e Aramaico e a palavra *baptismos* é Grega — língua em que foi escrito o chamado Novo Testamento. Porém, como já vimos, o Espírito Santo chamou de baptismos as abluições ou lavagens que se praticavam no Velho Testamento. As lavagens eram baptismos e os baptismos lavagens. À volta, pois, de uns 1500 anos antes do chamado Novo Testamento ter sido escrito já os Judeus praticavam baptismos na água.

Muitos pensam que foi João Baptista quem principiou com esta cerimónia. Tal, porém, não corresponde à verdade, como tivemos ocasião de ver. Mas, para um melhor esclarecimento do leitor sobre esta questão, basta lembrar-lhe que quando João Baptista apareceu a baptizar, os Judeus não lhe perguntaram qual era o significado desta cerimónia "estranha e nova". Eles já a conheciam desde há muito, e há muito que sabiam o seu significado, e por isso perguntaram: "*Porque baptizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?*" (João 1.25). Queremos enfatizar aqui muito bem: as multidões que ouviram João pregar **não ficaram surpreendidas por ele baptizar** os seus ouvintes, **como se algo de novo e inesperado estivesse a ocorrer pela primeira vez**. Eles apenas ficaram surpreendidos por ser **João** a baptizar, visto que ele não era o

Cristo, nem Elias, nem "O Profeta". Aliás, as Escrituras indicam claramente que eles esperavam o incremento da prática do baptismo em relação à vinda do Messias (Eze. 36.25; Conf. João 1.31).

A chamada lei da primeira menção sobre este assunto tem sido uma grande omissão que fatalmente, tem prejudicado a compreensão do povo de Deus sobre esta tão importante questão. Como tudo se torna claro e simples, quando nos dispomos a ver e a analisar as Escrituras a sério! Hebreus 9.1,10 não deixa qualquer dúvida quanto à natureza do baptismo na água: trata-se duma **ordenança** religiosa. "O primeiro (concerto) tinha *ordenanças* de culto... consistindo em... várias *abluições* (Gr. *baptismos*)...". Pois bem, as Escrituras ensinam que nesta presente dispensação nós não estamos sob quaisquer ordenanças religiosas. Notemos, por exemplo, o que Paulo nos diz em Efé. 2.14,15 e Col. 2.14-22:

"Porque Ele (Cristo) é a nossa paz, o qual de ambos os povos (Judeus e Gentios) fez um; e derribando a parede de separação que estava no meio.

"Na sua carne *DESFEZ A INIMIZADE*, isto é, a lei dos mandamentos que consistia em *ORDENANÇAS*, para criar em Si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz.

"*HAVENDO RISCADO A CÉDULA* que era contra nós nas suas *ORDENANÇAS*, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a *TIROU* do meio de nós, *CRAVANDO-A NA CRUZ*...

"Portanto ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados.

"Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo.

"Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, *PORQUE VOS CARREGAM AINDA DE ORDENANÇAS*, como se vivésseis no mundo,

"Tais como: não toques, não proves, não manuseies?

"As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens."

Estes textos das Escrituras tornam muito claro que a morte de Cristo cumpriu a lei e aboliu todas as suas ordenanças religiosas. Se isto é assim, e é, como é que ouvimos crentes falarem acerca das "ordenanças da Igreja"? A maioria dos chamados Protestantes crê que o baptismo na água e a ceia do Senhor são duas ordenanças de obrigação perpétua para a Igreja. Onde é que foram buscar tal ensino? Não há dúvida que o baptismo é uma ordenança, mas, lembremo-nos, do Velho Testamento. No entanto a ceia do Senhor não é nenhuma ordenança, no sentido do baptismo e de outros mandamentos religiosos. A ceia do Senhor é uma celebração do Novo Testamento. Como todas as ordenanças, o baptismo era imposto, porém a ceia do Senhor **nunca**. O baptismo era **requerido para a salvação**, a ceia do Senhor nunca. O baptismo estava **associado com a manifestação de Cristo a Israel** (João 1.31), mas a ceia do Senhor, na sua presente forma, **está associada à rejeição e ausência do Senhor**. O baptismo **denotava uma obra não consumada** (lembremo-nos que foi Paulo quem primeiro proclamou a obra **consumada** de Cristo); era um **símbolo de purificação** que só Cristo podia efectuar, contudo a ceia do Senhor **celebra a obra consumada de Cristo**. O baptismo era um acto único, enquanto que a ceia do Senhor é **celebrada repetidas vezes**. O baptismo não estava incluído na comissão dada pelo Senhor a Paulo, porém a ceia do Senhor estava. Também é significativo o facto de o baptismo na água e a ceia do Senhor nunca se encontrarem juntos nas Escrituras. É que nada têm a ver um com o outro. Certamente que se o Senhor tivesse deixado duas ordenanças obrigatórias para a Igreja, nós seguramente encontrá-las-famos de alguma forma associadas.

UMA GRANDE PERDA

Como já tivemos ocasião de ver, ao ignorarem a primeira menção do baptismo na água, os crentes que defendem a sua prática nos nossos dias ficaram privados do seu verdadeiro significado, mas como veremos agora, ficaram igualmente privados do seu propósito real, incorrendo numa grande perda. E que perda!

Já vimos que a palavra **baptismos** é usada nas Escrituras para definir as cerimónias de lavagem ou purificação da lei. Mas, para que é que Deus ordenou a prática desta cerimónia? Qual o propósito? Para quê o baptismo?

Deus ordenou esta ordenança com um propósito quádruplo:

1. Para impressionar os Israelitas de que o Senhor é um Deus santo — ninguém que estivesse impuro poderia entrar em Sua presença. Estas lavagens, ou baptismos, denotavam, pois, que todos os efeitos contaminadores do pecado tinham que ser removidos a fim dos adoradores se poderem aproximar de Deus. Uma eventual recusa a esta prática significaria morte certa. Eram verdadeira e praticamente baptismos **para a remissão dos pecados** (Êxo. 30.20; Num. 8.7). Figuravam a perfeita e eterna purificação do pecado que a expiação do sangue de Cristo providenciou para o Seu povo. Em si não tinham eficácia intrínseca; eram apenas figuras. No entanto, quem não se sujeitasse ao baptismo ficava imundo e sujeitava-se ao juízo de Deus. É claro que tendo agora a realidade, a figura foi por Deus abolida. Em Lucas 7.29,30 vemos que nesta altura o baptismo ainda era absolutamente **essencial** para os Judeus; uma recusa ao baptismo seria equivalente a uma rejeição do **conselho de Deus**. Ao serem baptizados **justificavam a Deus**, isto é, declaravam que Deus estava certo tanto ao julgá-los como pecadores, como ao providenciar para eles o meio de perdão, nomeadamente, o baptismo na água. Leiamos bem a passagem:

"E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido baptizados com o baptismo de João, *JUSTIFICARAM A DEUS*."

"Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o *conselho de Deus* contra si mesmos, *não tendo sido baptizados por ele*".

Vem a propósito chamar aqui a atenção do leitor mais distraído que eles não rejeitaram o conselho de Deus ao não crerem, mas ao não se sujeitarem ao baptismo.

2. Para que os sacerdotes fossem consagrados ao sacerdócio (Êxo. 29.4). Os candidatos elegíveis para o sacerdócio levítico não o podiam ser se não se sujeitassem a estas lavagens ou baptismos. Ora, segundo lemos em Êxodo 19.5,6 Deus prometeu fazer da nação de Israel "UM REINO SACERDOTAL" — um reino de sacerdotes — "e POVO SANTO" — um povo purificado ou santo, como já vimos anteriormente. Enquanto isso não sucedesse apenas uma pequena família seria consagrada ao sacerdócio — a família de Aarão. Em Isaías 61.6 Deus garantiu-lhes o cumprimento dessa Sua promessa:

"*Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros do nosso Deus, comereis a abundância das nações, e na sua glória vos gloriareis*".

Ao contrário do profeta, que é um intermediário entre Deus e os homens o sacerdote é um intermediário entre os homens e Deus, ou melhor ainda, enquanto o profeta representa Deus no meio dos homens, o sacerdote representa os homens na presença de Deus. São os sacerdotes que levam os homens a Deus. Segundo vemos confirmado em Zac. 8.20-23 Deus pretende tornar a nação de Israel um reino de sacerdotes por meio de quem os Gentios se aproximarão de Deus. É então que os Judeus, "a semente de Abraão", serão sacerdotes no sentido pleno do termo Bíblico. Como acontecia com os filhos de Aarão, também todos eles, no reino, não trabalharão. É por isso que lemos que eles "*comerão a abundância das nações*".

Em face disso não admira, pois, mais tarde, quando o reino prometido começou a ser proclamado, vemos João Baptista, a baptizar "*Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão*". Fazia-o

porque o reino estava em vias de ser estabelecido com a proximidade da vinda do Rei. E como o reino será um "reino sacerdotal", e não se pode ser sacerdote sem se ser batizado, daí ele baptizar toda a nação.

3. Para que Cristo fosse manifestado à nação de Israel. Notemos as palavras claríssimas de João:

"E eu não O conhecia; mas, *PARA QUE ELE FOSSE MANIFESTADO A ISRAEL. VIM EU, POR ISSO, BAPTIZANDO COM ÁGUA* " (João 1.31).

O baptismo tinha a ver com a manifestação de Cristo à nação de Israel. Por isso não está hoje em vigor, uma vez que Deus suspendeu temporariamente os Seus tratos com a nação, face à sua incredulidade. Cristo, hoje, está a ser manifestado ao mundo. O baptismo na água vigorou enquanto Cristo esteve a ser manifestado à nação de Israel, enquanto Deus não a pôs de parte. Como Cristo esteve a ser oferecido à nação de Israel até ao fim dos Actos dos Apóstolos, não é pois de surpreender encontrarmos a prática do baptismo na água até então. Foi em Roma que Deus pôs definitivamente de parte a nação. Notemos as palavras de Paulo em Actos 28.28:

"Seja-vos pois notório que esta salvação de Deus é enviada aos Gentios, e eles a ouvirão".

Foi aqui, ou a partir daqui, que Cristo deixou de ser manifestado à nação de Israel, e por isso deixou de ter significado o baptismo na água.

4. Para a nação de Israel, como nação, nascer de novo. São muitos os crentes que pensam que o novo nascimento se trata duma necessidade **individual** de toda a pessoa que se encontra sem a salvação. Se bem que isto seja verdade, não o é na totalidade. As Escrituras falam também do novo nascimento como uma necessidade **nacional**. Leiamos atentamente o que o Senhor disse em Mateus 19.28:

"E Jesus disse-lhes: Em verdade em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na *regeneração* (ou, *novo nascimento*), o Filho do Homem se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel".

Segundo esta passagem a nação de Israel vai nascer de novo um dia. Segundo Ezequiel 37 a nação está actualmente morta e "sepultada" entre as nações, mas o Senhor diz que chegará o dia em que "abrirá as suas sepulturas", e eles, então, como nação, nascerão outra vez. Muitos ignoram que quando Nicodemos foi de noite ter com o Senhor, que o tenha feito a título **não** pessoal, mas representativamente e que a resposta do Senhor foi igualmente representativa e não pessoal. Vejamos:

"Rabi, bem **sabemos** que és Mestre..." (João 3.2). Notemos que ele não disse, "bem sei", mas antes, "bem **SABEMOS**". A resposta do Senhor também foi: "Não te maravilhes de ter dito: necessário *VOS* (Não, TE) é nascer de novo" (João 3.7). Independentemente da sua necessidade individual, Nicodemos foi ter com o Senhor como príncipe dos Judeus, representando-os — "Bem **SABEMOS**", e o Senhor deu a resposta adequada: É necessário que a nação, como nação, nasça de novo. Até então o novo nascimento revelado por Deus era nacional e não individual, ainda que este incluísse aquele. Um pouco mais adiante, no versículo 10, o Senhor perguntou-lhe: "Tu és Mestre em Israel, e não sabes isto?". O que o Senhor lhe acabara de revelar a respeito do novo nascimento não era nada novo. As Escrituras do chamado Velho Testamento eram claras a esse respeito, e como Mestre em Israel ele tinha obrigação de o saber. Mais, o novo nascimento da nação, já tinham revelado há muito os profetas, processar-se-ia por meio da **água** e do **Espírito**. Assim, quando o Senhor disse a Nicodemos que era necessário nascer-se "da **água** e do **Espírito**" (Ver. 5), não lhe estava a dar nenhuma novidade. Por exemplo, Ezequiel 36.24-27 (ler bem), escrito séculos antes, encerrava uma profecia, a respeito da restauração da nação no reino, dizendo que Israel nasceria de novo através da **água** e do **Espírito**. Assinalemos bem estas duas palavras no processo de regeneração da nação, nessa passagem. Notemos também que em João 3 o Senhor foi muito claro quando disse a Nicodemos que se eles não nascessem de novo, ou seja, da água e do Espírito, não poderiam, não só, **entrar** no reino, como também **VER** o reino. É óbvio que, quer pelo contexto, quer por este pormenor, "o reino de Deus" a que o Senhor se referiu tratava-se do reino milenar que será estabelecido na terra quando Ele vier reinar, e não o reino espiritual. Porquê? Pela simples razão que este não pode ser visto e aquele sim. Se Nicodemos, pelo novo

nascimento, poderia **ver** o reino, era porque se tratava do reino terreno Messiânico. Quando, cheio do Espírito Santo, Pedro, em Actos 2, ofereceu o reino à nação, ao abrir-lhes as suas portas com as chaves que o Senhor lhe concedera, ele mostrou claramente que eles teriam que nascer da água e do Espírito. Assinalemos uma vez mais estes dois elementos — **água** e **Espírito** — no versículo 38. A nação não pode ser regenerada se não nascer da água e do Espírito, e foi sempre isso que lhes foi requerido. Para que um candidato ao sacerdócio fosse tornado sacerdote tinha necessariamente que ser **LAVADO COM ÁGUA** e **ASPERGIDO COM O AZEITE DA UNÇÃO** (Espírito) (Levítico 8.6,30). Cá temos uma vez mais o nascimento da **água** e do **Espírito**. Quando o Senhor veio à terra, chegou o tempo não de uma família, mas de toda a nação se tornar sacerdócio de Deus. Todos teriam que nascer da **água** e do **Espírito**.

Quão longe tem andado "a Igreja em geral" do propósito real do baptismo na água. Que grande perda!

UMA GRANDE INVENÇÃO

Os alegados propósitos para a prática do baptismo na água nos nossos dias apresentados pela "Igreja em geral" são uma grande invenção, visto estarem totalmente destituídos do apoio das Escrituras.

Sempre nos foi difícil compreender o que é que o baptismo na água nos nossos dias é suposto, com precisão, **fazer** ou **cumprir** para a pessoa baptizada — qual precisamente o propósito que é suposto servir.

Quando o baptismo na água estava em vigor, não havia qualquer problema. Ao longo de todos os tempos do Velho Testamento Deus usou de sinais e de símbolos nos Seus tratos com o Seu povo, numa extensão tal, que Paulo declarou: "O Judeu pede sinal" (I Cor. 1.22). Não lhes era assim, pois, estranho que na sua condição de impureza Deus requeresse o arrependimento e o **baptismo** como um símbolo de purificação, para a remissão dos seus pecados.

Porém **agora**(!), agora após a morte de Cristo pelo pecado, e depois da gloriosa revelação da graça confiada ao principal dos pecadores, salvo pela graça; **agora**, depois da revelação de tudo o que nosso Senhor cumpriu por nós no Calvário; regressaremos **agora** às sombras de sinais e símbolos, voltando as costas ao resplendor da graça?

O que é que o baptismo na água nos pode agora **fazer** ou **cumprir**?

I. A resposta duma boa consciência?

Alguns proponentes da prática do baptismo na água nos nossos dias citam I Pedro 3.20,21 onde, referindo-se à libertação de Noé através das águas do dilúvio, Pedro diz:

"... oito almas se salvaram pela água;

"Que também como uma verdadeira figura agora vos salva, baptismo não do despojamento da imundície da carne, mas da indagação de uma boa consciência, para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo".

Se o baptismo referido no versículo 21 se referisse ao baptismo na água então teríamos um símbolo de um símbolo; e uma cerimónia de água, e não Cristo, seria o antítipo (a palavra "figura" no Ver. 21, é **antitupon**, "antítipo") da arca em que Noé foi salvo do dilúvio.

Que Pedro **não** se está a referir a um baptismo na água, é evidente no seu cuidado ao acrescentar como salvaguarda, "**não do despojamento da imundície da carne**", que era o que fazia a água física do baptismo na água ao ser usada — quando em vigor.

A **epístola aos Hebreus** prova que as cerimónias físicas não têm qualquer poder para libertar o pecador do peso duma consciência culpada (10.2,3), e que apenas o sangue de Cristo pode purificar a consciência (9.14).

Assim, o "baptismo" de I Ped. 3.21 é o baptismo de Cristo na nossa morte, como o contexto (Ver. 18) indica:

"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o Justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito".

Sem a salvaguarda parentética o versículo diz:

"... (baptismo) agora nos salva... **pela ressurreição de Jesus Cristo**".

Como Noé emergiu da arca, **salvo** do dilúvio, assim o crente, tendo morrido com Cristo e ressuscitado também com Ele, é salvo da condenação dos seus pecados.

2. A porta para a Igreja?

Se o baptismo na água "para a remissão dos pecados" se encontrasse em vigor actualmente, seria sem dúvida "a porta para a Igreja", porém é claro que **não** é a porta para "a Igreja, que é **o Seu Corpo**" (Efé. 1.22,23). Diametralmente opostas a um tal pensamento são as palavras do apóstolo Paulo em I Cor. 12.13:

"Pois todos nós fomos baptizados em (ou, por) um Espírito formando um corpo, quer Judeus, quer Gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito".

Paulo é muito claro aqui. Ele diz que na Igreja — corpo de Cristo se entra pelo baptismo **operado pelo Espírito** — baptismo espiritual; não ritual.

Mas o baptismo na água não é a porta para a Igreja **local**? Não nos esqueçamos que a Igreja local não é um outro corpo, como muitos insinuam. "Há um só corpo". E nós não podemos ser membros do Corpo de Cristo e ao mesmo tempo o sermos doutro corpo qualquer. Os dedos que dactilografam estas linhas pertencem ao meu corpo. Por esse facto, não podem jamais pertencer ao mesmo tempo a outro corpo, qualquer que ele seja.

Uma vez mais, teremos que sublinhar que as epístolas de Paulo não ensinam uma tal coisa, não obstante muitas organizações eclesiásticas terem tornado esta cerimónia num requisito para que uma pessoa se torne membro delas.

É lamentável vermos muitos pregadores dizerem por um lado, que as pessoas não têm de **fazer nada** para se tornarem membros da única e verdadeira Igreja, senão crerem no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador, e por outro lado, dizerem que elas têm que ser baptizadas para que pertençam às **suas** igrejas. Isso é o mesmo que dizer, por outras palavras, que Deus aceita as pessoas só pela fé, mas eles não. O que basta para Deus, para eles não basta. Com que base e autoridade podem fazer isso? Mostrem uma só passagem, se puderem, que diga que uma pessoa tem de ser baptizada para passar a ter comunhão com uma assembleia local.

3. Um testemunho ao mundo?

Muito tem sido dito, especialmente pelos imersionistas, acerca do "confessar Cristo no baptismo" como um testemunho ao mundo da nossa sepultura e ressurreição com Ele.

Claro que é verdade que tudo o que fazemos é um testemunho. Se o leitor for a uma reunião de igreja ou a um baile isso é um testemunho. Se segurar nas mãos um terço e curvar a cabeça e repetir vinte "Avé-Marias" isso é um testemunho. O que fazemos testifica o que somos.

Todavia a questão real em aberto é a seguinte: A ordenança do baptismo na água foi dada aos membros do Corpo de Cristo **para que fosse** um testemunho público da sua fé no Senhor Jesus Cristo? Alguma vez foi esse o seu propósito, mesmo quando em vigor? As Escrituras respondem negativamente a isto.

No caso do Etíope, por exemplo, é-nos dito que Filipe foi enviado ao "deserto" para o encontrar ali (Act. 8.26) e as Escrituras não mencionam uma única testemunha do seu baptismo. Muitos talvez argumentem dizendo que o ministro dos negócios estrangeiros e finanças da Etiópia **deve ter** trazido com ele uma comitiva. Não discutimos isso. **Também pensamos** que sim, porém, cuidado, pois não nos devemos guiar em qualquer prática Cristã que seja por um "deve ter" ou um "penso que".

Ainda que pareça altamente provável que muitos outros estivessem presentes naquele baptismo, as Escrituras não nos fornecem a mínima indicação de que **alguém** estivesse ali presente. Porquê? Se o baptismo na água do Etíope **visasse ser um testemunho público** o Espírito Santo não teria tomado um cuidado especial em mencionar os presentes? Pelo contrário, parece que o Espírito Santo teve um cuidado especial em os **não**

mencionar — se é que de facto alguém mais estava ali presente. Comparemos isto com Actos 16.25. As testemunhas aqui são particularmente mencionadas:

"E perto da meia-noite Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, **E OS OUTROS PRESOS OS ESCUTAVAM**".

As palavras "confessar" e "confissão" são usadas 27 vezes no chamado Novo Testamento, mas nunca uma vez, porém, em relação ao baptismo na água. "Confessar" significa dizer a mesma coisa. O único acto que satisfaz o uso e significado da palavra é o testemunho **verbal** — palavra falada da boca.

Alguns pregadores têm usado a frase "confessar Cristo no baptismo", mas as Escrituras nunca o fazem. Pelo contrário, ensinam que:

"... com a **boca** se faz confissão ..." (Rom. 10.10).

"... toda a **língua** confessará a Deus" (Rom. 14.11).

"... toda a **língua** confesse que Jesus Cristo é Senhor ...". (Fil. 2.11).

E, claro, as nossas vidas devem conformar-se ao que os nossos lábios dizem.

Se o baptismo na água visa ser um testemunho ao mundo, porque é que na maioria dos casos o praticam, ou num edifício, ou em lugares ermos, onde apenas poucas pessoas podem ser testemunhas — sendo a maioria dos presentes crentes? Se visasse ser um testemunho, porque praticá-lo apenas uma vez; porque não repetidas vezes, publicamente, onde tanto quanto possível pudesse haver o máximo de pessoas para o testemunhar? (Alguém poderá apresentar um só caso bíblico dum crente ter sido baptizado ao menos duas vezes? Se está a pensar em Actos 19 tem a certeza que se trata dum **re**-baptismo? Verá já a seguir na rubrica que se segue, que não. Mas, mesmo que fosse um re-baptismo, teria acontecido, de acordo com o contexto, porque estava em causa o testemunho desses crentes, ou porque, como dizem os que entendem tratar-se Actos 19 dum re-baptismo, se tratava de pessoas a usufruírem dum baptismo diferente? De facto, nem uma coisa nem outra. Mas já lá iremos.) Mas, mais ainda, como podem os descrentes dizer que os crentes foram baptizados? Só por olharem para eles? Um crente meramente baptizado não pode ser nenhuma "testemunha para o mundo", pois os do mundo não saberão disso, a menos que este lhes **diga**. Ah, sim, a minha vida e os meus lábios **podem e devem** testemunhar diariamente da minha fé em Cristo.

Suponhamos que o leitor é salvo, mas vive uma vida descuidada e dá um pobre testemunho ao mundo. O baptismo na água ajudará? Suprirá essa carência? De que serviria?

Porém suponhamos que é salvo e vive uma vida pia, consistente, perante o mundo. Tornar-se-á necessária uma confissão aquosa? Não receie de responder a estas questões honestamente. Quantos "convertidos baptizados" há que não podem sequer dar uma palavra de testemunho do Senhor Jesus Cristo! De que valeu **terem sido** baptizados?

Todavia, num certo sentido, o baptismo na água dos crentes nesta dispensação é um testemunho — um mau testemunho. Quando os crentes Gálatas se submeteram à circuncisão foi um **mau** testemunho (Gál. 5.2,3). A circuncisão, embora fazendo parte do "evangelho da circuncisão" confiado a Pedro, não tem qualquer lugar no "evangelho da incircuncisão" confiado a Paulo (Gál. 2.7). E da mesmíssima maneira que a circuncisão estava associada com "o evangelho da circuncisão", assim também o baptismo na água estava associado com o "evangelho do reino" (Mal. 3.2,6; Mat. 10.5-7; Cf. João 1.31; Mat. 28.19; Mar. 16.16; Luc. 24.47; Act. 2.36-38 e Act. 3.19-21).

Nós declaramos solenemente que a actual prática do baptismo na água ofusca e afecta a graça de Deus e é uma confissão duma triste falta de apreciação da obra consumada de Cristo e da completação do crente n'Ele. Também denuncia uma compreensão muito pobre do carácter e da posição celestial do Corpo de Cristo.

UMA GRANDE DETURPAÇÃO

Os doze discípulos de João terão sido batizados uma segunda vez?

A narrativa da discussão que Paulo teve com os doze discípulos de João, em Actos 19.1-7, tem sido muitas vezes usada, especialmente pelos imersionistas, para se enfatizar a importância do batismo na água do chamado "batismo Cristão".

Temos aqui a última menção do batismo na água no Livro dos Actos e nela, dizem eles, vemos estes discípulos terem de ser novamente batizados porque não tinham sido batizados com o "batismo Cristão": o batismo da "Grande Comissão" e/ou de Pentecostes.

Batizados de novo? O leitor já **estudou** cuidadosamente esta passagem — e reflectiu sobre ela? De facto, nenhum argumento a favor do chamado "batismo Cristão" poderia ser mais fraco que o acima enunciado. Provaremos a seguir que estes discípulos **não foram de forma alguma rebatizados**.

"E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso; e achando ali alguns discípulos,

"Disse-lhes: recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo.

"Perguntou-lhes então: em que sois batizados então? E eles disseram: no batismo de João.

"Mas Paulo disse: certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo.

"E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus.

"E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam.

"E estes eram ao todo, uns doze varões." (Actos 19.1-7).

Os versículos 4 e 5 têm sido tão mal lidos que é quase impossível para alguns lê-los correctamente. Até os comentários em geral foram afectados pela repetição contínua do ponto de vista baptista desta passagem mesmo apesar de ela apresentar dificuldades insuperáveis.

A incompreensão e deturpação desta passagem emana da noção errada de que o versículo 5 regista o rebatismo destes discípulos, quando na realidade é a continuação da explicação de Paulo no versículo 4. No versículo 5, Paulo recorda a *resposta* dos ouvintes de João à mensagem por ele (João) pregada.

Entre os muitos argumentos que demonstram e provam o que afirmamos realçamos os seguintes:

1. Não havia qualquer diferença básica entre o batismo de João e o de Pedro em Pentecostes. Eram ambos batismos do "arrependimento" e eram ambos "para a remissão de pecados" (Mar. 1.4; Act. 2.38). Havia, contudo, uma diferença no *resultado*, pois em Pentecostes os batizados recebiam "o dom do Espírito Santo" em adição à remissão dos pecados. Isto explica a razão destes discípulos não terem recebido o dom, e a razão de eles agora falarem línguas e profetizarem, com a imposição de mãos da parte de Paulo.

2. A principal questão de Paulo não dizia respeito ao baptismo na água, mas ao dom do Espírito Santo. Estes discípulos não tinham recebido este dom porque tinham sido baptizados *antes da vinda do Espírito*. Por essa razão Paulo impôs-lhes as mãos, comunicando-lhes o Espírito.

3. Porque é que só estes poucos discípulos haviam de ser rebaptizados? Porque não os doze apóstolos, Apolo e *todos* os que foram baptizados antes de Pentecostes?

4. Como é que o rebaptismo de apenas estes poucos pode provar a importância do "baptismo Cristão" sobre o baptismo de João? A falta de evidência de que todos os outros foram rebaptizados não provará antes o contrário?

5. Porque é que o registo de Lucas havia de ser interrompido para registar o rebaptismo destes doze homens sem a explicação de porque é que *somente estes* tinham que ser rebaptizados?

6. O registo não *diz* que estes homens foram baptizados *outra vez*.

7. Se a interpretação popular do versículo 5 estivesse correcta o que estaria escrito seria: "Quando ouviram isto, Paulo baptizou-os ..." ou "eles foram baptizados *outra vez*". Como está, o versículo 5 regista a resposta dos ouvintes de João à sua mensagem (Ver. 4). Só no versículo 6 é que Paulo entra em cena ("E, impondo-lhes Paulo as mãos ..." etc.) impondo-lhes as mãos para eles poderem receber o Espírito Santo.

8. Em Actos 8.12-17 houve crentes que *foram* baptizados com o chamado "baptismo Cristão" e ainda assim, por uma outra razão, não receberam o dom do Espírito Santo. Esses, como os discípulos aqui em discussão, receberam o Espírito **pela imposição de mãos**.

9. Se este "último registo" do baptismo na água em Actos prova a importância do "baptismo Cristão", não prova igualmente que as línguas e a profecia andam juntas com o "baptismo Cristão"? Quando estes discípulos foram "rebaptizados", o Espírito Santo veio sobre eles e eles "*falavam línguas e profetizavam*" (Ver. 6).

Em súpula, a leitura dos versículos 4 e 5 entende-se assim:

"Mas Paulo disse: Certamente João baptizou com o baptismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo.

"E os que ouviram (João) foram baptizados em nome do Senhor Jesus".

O chamado "baptismo Cristão" é exactamente o mesmo que o baptismo de João. Nunca lemos que o baptismo fosse diferente. O baptismo dos Actos não era mais Cristão que o de João. Em Pentecostes as pessoas recebiam o Espírito Santo, não por o baptismo ser diferente, mas porque Cristo tinha morrido e ascendido.

UMA GRANDE IGNORÂNCIA

Tem sido afirmado muitas vezes que, visto o Senhor Jesus se ter submetido à prática do batismo na água, também nós o deveríamos fazer, uma vez que Ele "deu o exemplo".

Mas... será que devemos, ou mesmo podemos, seguir o Senhor Jesus no batismo?

Entre a multidão que vinha para ser batizada por João encontramos "**também Jesus**" (Luc. 3.21).

"Jesus também". Que frase surpreendente!

O batismo de João era claramente uma **confissão de pecados**, um "batismo de **arrependimento**" (Luc. 3.3). Os **pecadores** vinham a João "e eram por ele batizados no rio Jordão, **confessando os seus pecados**" (Mat. 3.6).

Porém o que é isto? O que temos aqui?

"Então veio Jesus da Galileia ter com João junto do Jordão, para ser "batizado por ele" (Mat. 3.13).

Porque é que **Ele** devia ser batizado? Ele não tinha pecados para confessar. Ele não tinha necessidade de arrependimento. Os Judeus esperavam que o Messias viesse para **baptizar**, não para **ser batizado**. Eles tinham dito a João, "**Porque baptizas pois, se tu não és o Cristo...?**" (João 1.25). Até João ficou surpreendido e embaraçadíssimo:

"Mas João opunha-se-Lhe, dizendo: eu careço de ser batizado por Ti, e vens Tu a mim?" (Mat. 3.14).

Todavia notemos como o Senhor respondeu a João. Notemo-lo, todos nós que perguntamos porque foi Cristo batizado:

"Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: deixa por agora, **PORQUE ASSIM NOS CONVÉM CUMPRIR TODA A JUSTIÇA...**" (Mat. 3.15).

Depois do Seu batismo o Espírito desceu sobre Ele como uma pomba, e Deus rompeu o silêncio dos céus para dizer:

"Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo". (Ver. 17).

Ora se o Senhor não tinha pecados para confessar, apenas podia haver uma única razão para Ele se submeter "ao batismo de arrependimento". Ele estava a tomar o lugar dos outros. Para "cumprir toda a justiça", para saldar a dívida dos homens para com Deus, Ele tinha de ser "numerado com os transgressores", levando sobre Si mesmo a culpa e vergonha dos seus pecados.

Que pensamentos devem ter enchido as mentes das pessoas presentes, quando O viram vir entre aquela multidão para ser batizado por João! Como é provável que tenham dito uns aos outros, "Final Ele não é tão santo como alguns têm imaginado! Ele, afinal, vem como os outros! As palavras de João devem ter feito bulir a Sua consciência!".

Contudo o batismo do Senhor com água era apenas uma sombra de coisas que ainda se cumpririam, pois Ele disse **posteriormente**, "**Importa, porém que seja batizado com um certo batismo**, e como me angustio até que venha a cumprir-se!" (Luc. 12.50). É claro que Ele falava do Seu futuro batismo na cruz em agonia, sangue e morte.

Vejamo-Lo ao Ele comparecer perante Pilatos:

"E sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu.

"Disse-Lhe então Pilatos: Não ouves quanto testificam contra Ti?

"E nem uma palavra lhe respondeu..." (Mat. 27.12-14).

Porque é que Ele não respondeu? Ele não era culpado de todas aquelas acusações. Ah, Ele estava a levar sobre Si a acusação dos **seus**³ pecados — e dos nossos. Ele estava ali em **nosso** lugar, mudo e condenado. Ele estava a levar até ao fim o Seu propósito de amor. Ele tinha-se identificado com os homens para os salvar.

Legalmente, **a confissão precede a punição**. É assim nas leis humanas e muito mais nas Divinas, onde aquelas se inspiraram! Por isso, **antes** de o Senhor se ter identificado com eles na **punição** ou **condenação** do pecado, ao morrer numa cruz entre dois malfeitores "para aniquilar o pecado, pelo sacrifício de Si mesmo" (Heb. 9.26), identificou-se **primeiro** com eles na **confissão** do pecado, ao ser baptizado como foi.

Porque é que, então, Cristo foi baptizado? Porque é que Ele foi assim "numerado com os transgressores"? "Para **CUMPRIR TODA A JUSTIÇA**". "Para cumprir TODA a justiça" (Mat. 3.15). Para a justiça ficar **TODA** cumprida, antes de Se identificar connosco na **condenação** do pecado, tinha que se identificar connosco na **confissão** do mesmo. Ele cumpriu **toda a justiça**?

A resposta a essa questão é a resposta para os que defendem que os crentes deviam "seguir-Lo no baptismo". Se a resposta for sim — e é — então o que é que as pessoas fazem ao sujeitarem-se ao baptismo na água? **MANCHAM** a obra **CONSUMADA** de Cristo.

Os líderes evangélicos fundamentalistas opõem-se bem aos liberais por estes ensinarem que os homens deviam seguir o humilde Jesus. No entanto, muitos deles dão meia volta à sua posição quando nos dizem que devemos seguir-Lo no Seu baptismo!

Em passagens como Romanos 6.4 e Colossenses 2.12, não somos ensinados que os crentes deviam seguir Cristo no baptismo? Não! Elas falam em "baptizados **em**, ou **com**, Jesus Cristo", e **não** "baptizados **COMO** Jesus Cristo". Além disso essas passagens não mencionam água. Uma vez mais, muitos vêem água onde ela não existe. Porém a discussão destes versículos far-se-á adiante.

Depois de considerarmos como, no Seu baptismo, o Senhor se identificou connosco na **confissão** do pecado "para CUMPRIR TODA a justiça", ainda pensaremos poder seguir-Lo no Seu baptismo? O Seu baptismo foi único. Nenhuma criatura humana, angélica, ou diabólica poderia receber o baptismo que Ele recebeu. Quão grande é, pois, a ignorância dos que dizem que os crentes devem seguir Cristo no Seu baptismo, que "Ele deu o exemplo"! Porque, então, não O seguimos também na Sua identificação connosco na **condenação** do pecado, sujeitando-nos à prática da crucificação, visto que "Ele deu o exemplo"?

³ dos acusadores, entenda-se.

UMA GRANDE DESMISTIFICAÇÃO

Propomo-nos fazer agora a desmistificação do significado que têm querido dar ao baptismo na água.

O baptismo na água, quando se encontrava plenamente em vigor, era sempre praticado, Escrituristicamente, em resposta a um apelo de fé e ao arrependimento. Desde João Baptista a **Pentecostes**, esta cerimónia foi um "**baptismo de arrependimento para a remissão de pecados**" (Mar. 1.4; Act. 2.38), e na Sua grande comissão dada aos onze apóstolos o Senhor disse muito claramente: "Quem crer e for **baptizado** será salvo" (Mar. 16.16).

Demonstraremos a seguir, **pelas Escrituras**, e sem margem para dúvidas, que a sepultura no baptismo, tão generalizadamente ensinada pelos imersionistas, **não tem qualquer fundamento Escriturístico**.

Uma vez mais teremos que ter cuidado ao simplesmente atentarmos para o que "as autoridades" sobre o assunto dizem. Algumas "autoridades" têm declarado arbitrariamente que a palavra **baptizar** (Gr. *baptizo*) significa sempre "mergulhar" ou "submergir". Porém, quando, como os Bereanos, "examinamos nas Escrituras" para vermos "se estas coisas são assim", descobrimos serem destituídas de qualquer fundamento.

Qual, então, o significado do baptismo na água — **sepultura**, ou **lavagem**?

Por exemplo, em Marcos 7.1-8 a palavra Grega "*baptizo*" ocorre três vezes, e a palavra "*nipto*" outras três. As palavras, nesta passagem, ocorrem alternadamente, e a versão de **João Ferreira de Almeida** tradu-las ambas por "lavar" (muitas vezes as mãos ou os pés).

O facto destas duas palavras, *baptizo* e *nipto*, serem usadas alternadamente em Marcos 7.1-8, para se referirem à mesma coisa, diz-nos muito a respeito do significado de *baptizo*, pelo menos neste contexto.

Mas existe uma prova mais forte de que nesta passagem esta palavra não pode significar "mergulhar". Não é por demais evidente e claro que nesta passagem os Fariseus e os Escribas se referiam à **lavagem** das mãos, e não à sua mera imersão na água? E caberá na cabeça de alguém que os Judeus **imerssem** os seus copos, jarros e vasos de metal — e as **camas** ou **mesas** na água, antes de cada refeição (Ver. 4), ou que eles olhassem para este baptismo como uma **sepultura**? É claro que não, porém era costume eles lavarem (numa lavagem **cerimonial**) estes utensílios antes de comerem.

João não necessitou de explicar o significado do seu baptismo, pois os Judeus compreendiam bem o seu significado pelas suas leis e cerimónias bem antigas. Contudo, se o baptismo dele fosse uma **sepultura** aquosa, teria que lhes dar uma explicação, pois nada do género é encontrado nos baptismos do Velho Testamento.

E que diremos dos vários mandamentos Neo-testamentários para a prática do baptismo? Quando Pedro ordenou aos seus ouvintes em Pentecostes para se "arrependerem e serem baptizados", terá ele significado que eles se deveriam arrepender e ser **sepultados**, ou que eles se deveriam arrepender da sua impureza espiritual e serem **lavados** por meio de uma purificação cerimonial?

Quando Ananias disse a Saulo de Tarso, "Levanta-te, e baptiza-te, e **lava** os teus pecados", será que as suas palavras queriam dizer, "Levanta-te e sê **sepultado**"? Certamente que "sepultura" não se soletra L-A-V-A-R.

Mas João 3.23 não declara que João baptizou em Enom "porque havia ali muitas águas"? É verdade! A Palestina era uma terra muito árida e a água era, por conseguinte, escassa. O facto de João ter baptizado em Enom por haver ali muita água não prova que ele **submergia** os seus requerentes baptismais ou que a água tivesse profundidade suficiente para ele o fazer assim. Mas mais que isso, dentro do próprio contexto do

batismo (Vers. 22-26) lemos que "houve então uma questão entre os discípulos de João e um Judeu acerca da **purificação**" (Ver. 25). Esta é mais uma outra indicação de que o batismo na água significava **purificação**, e não sepultura.

Os batismos, ou lavagens, da lei de Moisés tinham importância para os Judeus simplesmente porque Deus os ordenara. Foi por essa razão que o anfitrião nas bodas de Caná tinha "postas seis talhas de pedra" disponíveis "para as **purificações** dos Judeus" (João 2.6), e não a sua sepultura.

Mas nós não lemos a respeito do príncipe Etíope que ele **desceu** à água? Não exactamente! A passagem diz: "... e desceram **AMBOS** à água, **TANTO** Filipe como o eunuco, e o batizou" (Act. 8.38).

Não é claro como o cristal que se a palavra "descer" prova que o eunuco foi imerso, prova igualmente que Filipe, o baptizador, foi imerso ao mesmo tempo? Os imersionistas dos nossos dias, de facto de toda a história, não têm seguido este precedente! É claro que seria exótico e excêntrico ver-se o próprio baptizador, ele próprio imerso, ao imergir o seu candidato! Ainda assim e a despeito disso os imersionistas usam esta passagem para provarem que o eunuco foi mesmo imerso!

A palavra "desceram" não significa necessariamente "desceram sob", nem existe nenhuma prova, qualquer que seja, de que quer o eunuco quer Filipe tenham ambos descido **sob a água**. A passagem diz: "e desceram à água ...", e (isto é, **e então**) o batizou" (Ver. 38). Teria sido estranhíssimo Filipe baptizar o Eunuco **depois** de **ambos** terem descido **sob** a água! Leia novamente a passagem, cuidadosamente, e pense nisso.

Porém era perfeitamente natural Filipe e o eunuco **descerem à água** e Filipe baptizar o eunuco ali. Qualquer regato ou riacho, ou qualquer ajuntamento de água encontra-se naturalmente abaixo das suas partes circundantes, e é claro que não há qualquer indicação de que eles tivessem parado ao pé de uma grande quantidade de água. Assim, indubitavelmente, trazendo apenas sandálias, **desceram à água**, onde Filipe baptizou o eunuco.

Façamos agora algumas **considerações práticas**, pois também há considerações práticas que devem ser tidas em mente onde eventualmente se possa pensar que o batismo por imersão parece ser referido.

Primeiro tomemos o caso de João Baptista⁴. Lemos em Mat. 3.5,6:

"Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão;

"E eram por ele baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados".

E ainda em Lucas 7.29,30 lemos também:

"E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido baptizados com o batismo de João, justificaram a Deus;

"Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido baptizados por ele".

Destas e doutras passagens ressalta claramente que João teve um ministério extenso e profundamente eficaz. Não apenas os habitantes de Jerusalém, mas os de "toda a Judeia", com a excepção dos "fariseus e doutores da

⁴ De quem os "Baptistas" tomaram originalmente o nome.

lei", vieram a João para serem batizados por ele. Como é que ele poderia ter imerso tanta gente durante o breve trajeto do seu curto ministério, especialmente se o historiador Josefo estiver certo ao estimar a população de Israel nesse tempo em mais de 4.000.000 (quatro milhões) de pessoas? Teria sido impossível! Porém não lhe teria sido impossível espargir água sobre grandes grupos usando um ramo de hissopo, como purificação cerimonial. Esta é uma outra evidência que o batismo na água era efectuado por aspersão ou derramamento, e não decerto por imersão. Nenhuma passagem na Bíblia descreve com definição o modo do batismo na água, quando em vigor, apesar de muitas delas encerrarem inferências bastantes para mostrar que o modo nunca foi a imersão, e muito menos a sepultura.

O termo "aspersão" ocorre cerca de 55 vezes no chamado Velho Testamento, e é referido no chamado Novo Testamento como batismo, mas o termo "imersão" não é mencionado nem descrito uma única vez no chamado Velho Testamento.

Também deveríamos considerar o batismo dos cerca de 3.000 (três mil) em Pentecostes. Teria sido possível os apóstolos **imergirem** cerca de 3.000 almas em Pentecostes? Nós sabemos que Pedro principiou a sua mensagem Pentecostal cerca das 9 horas da manhã (Act. 2.15), e que foi **depois** da sua mensagem que as cerca de 3.000 pessoas foram batizadas "naquele mesmo dia" (Ver. 41).

Ora, **mesmo que** os apóstolos, ao longo de todo o dia, nada mais fizessem senão baptizar (por imersão) — mesmo até às nove horas da noite, eles teriam que emergir bem mais que **quatro** requerentes **em cada minuto**, pois doze horas não têm mais que 720 minutos.

Contudo, a situação torna-se mesmo ainda "mais impossível", quando consideramos que estes homens tiveram de "ficar na cidade de Jerusalém" à espera do Espírito Santo, de acordo com o mandamento do Senhor em Luc. 24.49. Como seria, então, possível que houvessem recipientes suficientemente disponíveis, ou como poderiam estes ser trazidos para ali, cada um com o tamanho suficiente para conter a quantidade de água necessária para **imergir** uma pessoa? Também não há qualquer indicação de que eles estivessem suficientemente perto de qualquer caudal de água abundante para imergirem quase 3.000 almas; e terem tido que trazer numerosos recipientes enormes para o local onde se encontravam para esse fim ter-lhes-ia tomado consideravelmente mais tempo ainda às suas curtas 12 horas, o que faria com que os 4+ por minuto teriam que ser talvez aumentados para 7 ou 8, **ou mais**. Ao consideramos estes simples **factos** matemáticos, toda a ideia de que as quase 3.000 pessoas em Pentecostes foram imersas torna-se absurdo. E nós ainda nem sequer mencionámos Act. 4.4 e outras passagens, que podem muito bem implicar que apenas os homens estavam incluídos no **número mencionado!** Sendo assim teríamos que rever de novo toda a nossa aritmética!

E mesmo isto não é tudo, pois numa área e numa época do ano em que se tornava proibitivo o uso de muito vestuário face ao intenso calor que se fazia sentir, e sob as circunstâncias em que o batismo era praticado — prontamente sobre a conversão —, a **imersão** pública de homens e de mulheres seria de bom gosto, — um bom testemunho? Esta é uma outra consideração prática que deveria ser tomada em conta. Lembremo-nos que os batizados não poderiam sair rapidamente do baptistério para um compartimento onde lhes fosse facultada roupa adicional, secadores de cabelo, etc.

Consideremos agora os casos de Saulo, Cornélio, Lídia, o carcereiro de Filipos e os Coríntios.

"Ananias encontrou Saulo de Tarso em casa de Judas, na Rua Direita, em Damasco, e baptizou-o ali (Act 9.10-17; Cf. 22.12.16). Seria provável que Judas tivesse em sua casa facilidades para **sepultar** Saulo em água?

Quanto aos batismos de Cornélio e da sua casa, e de Lídia e da sua casa igualmente, seria provável ter acontecido eles terem disponíveis recipientes suficientemente grandes para **imergirem** lá dentro pessoas? E é claro que não há qualquer indicação em qualquer dos casos de que tais recipientes tivessem sido trazidos, ou que os crentes em causa tivessem **sido** de alguma forma imersos em água. Evidentemente eles foram

baptizados no local, pois como já provámos pelas Escrituras, o baptismo na água era simplesmente uma purificação cerimonial simbólica na qual uma muito pequena quantidade de água podia ser usada.

No caso do cenário prisional em Filipos, a **imersão** do carcereiro Filipense e da sua casa parece ainda menos provável. Evidentemente eles foram baptizados precisamente na prisão, onde é extremamente duvidoso que houvesse qualquer recipiente disponível que fosse suficientemente grande para conter água que imergisse pessoas. Os eventos encontram-se registados em Actos 16.29-34:

1. O carcereiro "saltou dentro" — Paulo e Silas encontravam-se evidentemente num calabouço rude — "e todo trémulo, se prostrou ante Paulo e Silas" (ver. 29).
2. O carcereiro Filipense tirando-os então "para fora" da prisão, perguntou a Paulo e Silas como poderia ser salvo, e recebeu uma resposta simples da parte deles (Vers. 30,31).
3. Paulo e Silas "pregaram-lhe a Palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa", que evidentemente afluíram ao local (Ver. 32).
4. O carcereiro "tomou-os consigo **naquela mesma hora da noite**, lavou-lhes os vergões; e **logo** foi baptizado, ele e todos os seus" (Ver. 33).
5. ENTÃO, "**levou-os (o carcereiro) a sua casa**, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa (Ver. 34).

Mas suponhamos que o carcereiro e os seus ainda **não** haviam sido baptizados quando entraram em casa; seria provável que os compartimentos privativos do carcereiro contivessem um enorme recipiente suficientemente grande para **imergir** pessoas lá dentro? Muito dificilmente! É claro que nada nos é dito ter sido esse o caso.

A mesma questão deve ser colocada no que respeita ao baptismo dos crentes em Corinto (Act. 18.8; I Cor. 1.14-16). As águas do mar Mediterrâneo encontravam-se a alguns quilómetros de distância, em ambas as direcções, e quaisquer que fossem porventura os caudais de água por ali perto, o registo das Escrituras parece indicar que quando estes Coríntios ouviram a Palavra na casa de Tito Justo, foram baptizados ali mesmo (Act. 18.7,8). Pelo menos nada é dito ou implicado para o efeito de que tivessem sido trazidos "baptistérios" para o seu baptismo, ou que tivessem sido levados para fora, para junto de qualquer ajuntamento de água a fim de serem imersos.

Mas, qual é a origem da teoria da sepultura?

O ensino do baptismo como sepultura na água emanou da assunção gratuita de que a palavra *baptismos* sempre, ou quase sempre, se refere ao baptismo na **água**, quando de facto se refere a **identificação** completa.

Depois de o Senhor ter sido baptizado com água. Ele declarou que tinha ainda um "baptismo para ser baptizado", referindo-se à Sua morte por crucificação (Ver Luc. 12.50 e Cf. Mar. 10.38). De facto, mesmo nos nossos dias, muitos, referindo-se a uma experiência muito dolorosa, dizem — e bem — que passaram por um "baptismo de fogo". As Escrituras contêm numerosos baptismos que nada têm a ver com água.

Passaremos à citação das duas passagens donde este conceito errado se tem levantado e baseado, de modo a podermos considerá-las à luz das Escrituras como um todo:

"De sorte que fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte; pelo que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rom. 6.4).

"Sepultados com Ele no baptismo n'Ele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos" (Col. 2.12).

Deverá ser notado que ambos os versículos declaram que os crentes estão "sepultados **com** Cristo", não **como** Cristo. Isto em si deveria convencer-nos de que estas passagens nada têm a ver com o baptismo na **água**. Em Gál. 2.20 lemos que fomos "**crucificados com Cristo**", e é claro que isto não foi cumprido pela submissão a qualquer cerimónia religiosa. Precisamente da mesma forma que o crente foi "**crucificado com Cristo**" (Gál. 2.20) pela simples fé, assim também foi **sepultado — e ressuscitado — com Cristo**, "pela fé no **poder de Deus**, que O ressuscitou dos mortos" (Ver Col. 2.12 novamente). **Isto não se pode referir** ao baptismo na água, pois se temos de ser fisicamente sepultados para sermos "sepultados com Cristo", não temos também de ser fisicamente crucificados para sermos "crucificados com Cristo"?

Mais ainda, o Ver. 3 da passagem de Romanos declara que nós fomos "baptizados **em** Jesus Cristo — uma vez mais, não **como** Cristo, mas **em** Cristo, para nos tornarmos um com Ele. Isto traz-nos à mente a verdade de I Cor. 12.13, onde lemos que "**Por um Espírito** todos nós fomos baptizados **formando** um corpo". Gálatas 3.27 declara com muita clareza que é este o pensamento no que se refere ao nosso baptismo em Cristo:

"Porque todos quantos fostes baptizados em Cristo já vos revestistes de Cristo".

Voltando a Rom. 6.3,4 temos de perguntar: **Como** somos nós baptizados em Cristo? O apóstolo dá-nos uma resposta clara, expressa na forma duma reprovação que, com muito mais propriedade, se poderia aplicar à Igreja hodierna que à Igreja dos seus dias.

"**Não sabeis** que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados **na Sua morte**?" (Rom. 6.3).

Nós somos então baptizados em Cristo ao sermos baptizados **na Sua morte**.

Nós tornamo-nos um com Ele, quando nos tornamos um com Ele **na sua morte**. É esta a grande mensagem de Romanos 6.3.

O Calvário é sempre o lugar de reunião entre o Deus santo e os pecadores. Assim como nosso Senhor, num acto de infinita graça, se identificou connosco no Calvário, assim nós, por um acto de **fé** simples, identificamo-nos com Ele — **também no Calvário**. É quando, por assim dizer, olhamos para o Calvário reconhecendo:

"A morte que Ele está a morrer não é a Sua morte; Ele não cometeu qualquer pecado para morrer; Ele está a morrer a **minha** morte" — é então, quando aceitamos "a verdade do evangelho", que nos tornamos um com Ele, pois na realidade a morte que Ele morreu na cruz **foi** a nossa morte. E é assim que, eternamente, inseparavelmente unidos a Ele, somos, por assim dizer, conduzidos à vida ressuscitada; crucificados, sepultados e ressuscitados "com Ele".

Que heresia tão grande é pois a injeccção de água nesta grande mensagem de Romanos! Como tem roubado a milhões de crentes sinceros a grande verdade que a passagem **realmente** ensina, a saber, a nossa unidade com Cristo na **Sua** morte, sepultura e ressurreicção — e Efé. 1.3; 2.6; etc., acrescenta a isto a nossa **ascensão** com Cristo à mão direita do Pai, o lugar de honra e privilégio e bênção. Que erro tão grande falar e ensinar que "devemos seguir Cristo" no baptismo na água, quando os crentes já foram "baptizados em Cristo" pela fé!

Mas se esta passagem em Romanos é clara para aqueles que a lêem com um coração aberto e uma mente despida de preconceitos e imparcial, então que dizer de Colossenses 2, que é clara como a luz?

Ali, sob o título, "**Estais perfeito (ou, completos) n'Ele**" (Ver. 10), o apóstolo continua a explicar **como** estamos completos em Cristo; o que foi efectuado por nós em Cristo:

"*No Qual* também estais circuncidados (a circuncisão falava de morte para a carne) com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo;

"Sepultados *com Ele* no baptismo, n'Ele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos" (Col. 2.11,12).

Notemos bem que tanto a circuncisão como o baptismo são, na sua natureza, espirituais, executados "*não por mão ... pelo poder, ou operação, de Deus*", não pela operação dum homem.

Aqui levanta-se uma questão muito pertinente a respeito da suposta "sepultura" do crente "com Cristo" no baptismo na água:

Se eu sou "crucificado com Cristo" e "ressuscitado para andar em novidade de vida" no momento em que eu deposito a minha fé em Cristo como meu Salvador, **quando é que eu sou sepultado com Cristo?** Como pode um homem sepultar-me com Cristo num baptistério depois de eu ter já sido ressuscitado de entre os mortos e recebido nova vida em Cristo? Quão inconsciente e ilógico ensinar a "sepultura" dos vivos!

Algumas vezes é argumentado que é o "velho homem" que é sepultado no baptismo. Será realmente assim? Na realidade, não é o **corpo** que é sepultado, enquanto que as naturezas "velha" e "nova" continuam "*contrárias uma à outra*"? A primeira foi de facto "sepultada *com Cristo*" judicial e representativamente, mas ainda se encontra experimentalmente muito viva.

Surtem agora aqui umas questões de permeio que gostaríamos de colocar:

Nós não sepultamos na água — excepto nas sepulturas marítimas, quando tal se impõe —, nem há alguma indicação de que tal alguma vez tivesse sido feito nos tempos Bíblicos. Eles sepultavam os seus mortos na terra, em túmulos e sepulcros, nas rochas, etc., mas na água?!!! Onde? Quando?

E seria contranatural e grotesco, como alguns baptistas têm admitido, a realização duma cerimónia física de "crucificação" de modo a os crentes poderem ser "crucificados com Cristo", não será semelhante contranatural e grotesco realizar uma cerimónia física de "sepultura"?

Pare um pouco e pense. Se o baptismo na água é uma "representação gráfica" da obra de Cristo a nosso favor, a oferta de um cordeiro em sacrifício não o seria mais? Ainda assim, ninguém, hoje, anda por aí a oferecer sacrifícios!

O facto é que, hoje, o baptismo na água sob qualquer forma representa um lamentável fracasso na apreciação **do que Cristo fez por nós e do que nós somos n'Ele**. Porque há-de um santo, que já recebeu uma nova vida em Cristo, e lhe foi concedido assentar-se nos lugares celestiais, em Cristo (Efé. 2.4-7), vestir agora umas vestes baptismas e submeter-se à imersão em água numa "sepultura com Cristo", cerimonial?

Mas voltemos ao significado da palavra baptismo.

Nós já fizemos alusão ao facto de que a palavra "baptismo" não se refere sempre ao baptismo na água. Mas o verbo *baptizo* não significa "mergulhar"?

Algumas "autoridades", a maioria "autoridades" Baptistas, dizem que sim, porém as Escrituras provam a falácia de fazer disto uma definição global. De "facto isto também já foi salientado anteriormente.

Quaisquer que possam ser as diferenças que porventura existam quanto à tradução literal da palavra *baptizo*, podemos seguramente dizer que a maioria dos teólogos Baptistas, Presbiterianos, Metodistas, etc., — todos os que de alguma forma advogam a prática do baptismo na água nos nossos dias — concordam que a palavra implica muitas vezes identificação com um determinado objecto ou pessoa.

Porque no Velho Testamento haviam tantos baptismos na **água** a palavra, quando usada só, muito naturalmente ficava conotada com o contacto duma pessoa com água. Quando usada só, por conseguinte, falava frequentemente de lavagem ou purificação pela água, como indica Actos 22.16. Todavia quando nos é dito definitivamente **em** que é que uma pessoa é baptizada, seria de facto uma loucura continuar a insistir que o que está em causa é o contacto com a água. Sejamos razoáveis, consistentes e lógicos nas nossas interpretações.

Quando lemos em I Cor. 10.2 que os filhos de Israel "foram baptizados **em Moisés**, na nuvem e no mar", certamente que não vamos concluir daí que eles foram baptizados com água — pois eles cruzaram o mar em terra seca, de tal forma, que seria muito duvidoso que algum deles tivesse sequer sido salpicado (Êxo. 14.22). Foi o exército do Egipto, que os perseguiu, que foi todo sepultado no mar! I Cor. 10.2 significa simplesmente que os filhos de Israel foram **identificados com Moisés** na sua maravilhosa libertação do Egipto.

Assim o nosso baptismo em Cristo, e a nossa sepultura com Cristo, em Rom. 6.3,4 e Col. 2.12, referem-se à nossa **identificação** com Ele. Ambas as passagens apresentam este facto com muita clareza.

Certamente que é verdade que quando um navio se afundava na água se costumava dizer ter sido baptizado, mas quando o navio, ao se afundar, se enchia de água **também** se dizia ter sido baptizado. Isto apenas confirma o argumento de que a palavra "baptizado", **em si**, refere-se simplesmente a identificação completa.

Lewis Sperry Chafer, referindo-se a Rom. 6.1-4 e às passagens relacionadas, diz: "Estas passagens constituem por si um testemunho distinto de que pela operação do Espírito Santo o crente é orgânica e vitalmente unido ao Senhor e assim se tem tornado participante da posição, mérito, e dignidade perfeitas de Cristo. Uma vez que estas passagens apoiam o ministério baptizante do Espírito Santo, ou seja, o baptismo real contra o baptismo ritual, devemos-lhe prestar consideração específica" (Teologia Sistemática, Vol. VI, P. 12 — Versão em língua Inglesa). A isto nós respondemos com um "Amén!" de todo o coração.

Pensem agora na solução para um problema embaraçoso.

Pelos seus próprios escritos e pregações, está-se a tornar cada vez mais evidente que os apologistas da prática do baptismo na água hoje (com a excepção da denominada *Igreja de Cristo*), estão perante um dilema embaraçoso no que a este assunto concerne.

Eles insistem que devemos levar a cabo a comissão que o Senhor deu, depois de ressuscitar, e antes de ascender ao céu, aos onze apóstolos. Insistem igualmente que devemos pregar a salvação pela graça, por meio da fé, sem as obras. Contudo, o registo de Marcos da Comissão diz claramente: "**Quem crer e for baptizado será salvo**" (Mar. 16.16) e **isto certamente que não é salvação sem obras**.

Ao tentarem desenredarem-se deste dilema de contradição, a maioria dos líderes apologistas da prática do baptismo na água tem adoptado uma das seguintes duas vias:

VIA NÚMERO UM

Alguns contendem, dizendo que os últimos doze versículos do registo de Marcos são espúrios, que não pertencem às Escrituras originais.

Certamente que o desejo, aqui, é o pai do pensamento, pois evidências irresistíveis demonstram a genuinidade desta passagem. Em que é que baseiam a afirmação de que estas palavras não se encontram no original? Baseiam-se no facto dos dois manuscritos mais antigos — o *Sinaiticus* e o *Vaticanus* — não as conterem. Contudo estamos convencidos que não há ninguém que analise objectivamente este problema sem concluir que os últimos doze versículos de Marcos *pertenciam* aos manuscritos originais.

Primeiro, lembremo-nos que não possuímos qualquer dos manuscritos *originais* da Bíblia. Segundo, os manuscritos que temos contêm Mar. 16.9-20 numa proporção de 300 para 1. Mais de 600 manuscritos contêm-nos. Apenas o *Sinaiticus* e o *Vaticanus* é que não! Terceiro, os manuscritos Vaticano e Sinaitico, que não contêm estes versículos, deixam indicações claras de que eles foram *omitidos*. Quarto, possuímos traduções dos mais antigos manuscritos, que precedem em antiguidade o Vaticano e o Sinaitico, que os contêm. Quinto, temos os escritos dos Pais da Igreja, assim chamados, mais antigos ainda, que contêm citações desta passagem. Sexto, o *Sinaiticus* e o *Vaticanus* foram recentemente desmascarados, tendo sido provado serem dois dos manuscritos mais corruptos que existem. Mas não necessitamos de entrar em detalhes a respeito desta passagem aqui, pois em Actos 2.38 encontramos Pedro a exigir o baptismo "**para a remissão dos pecados**". Com que autoridade ele tornou o baptismo um requisito para a salvação? Não pode haver senão uma resposta, pois ninguém negará que ele estava a operar sob a comissão dada aos onze quando pregou à multidão que o escutava no dia de Pentecostes. E para que ninguém o acuse de -ter actuado na carne a este respeito, não temos senão que observar que, pelo contrário, ele se encontrava "**cheio do Espírito Santo**" (Act. 2.4).

Em adição a isto temos a palavra de Ananias, guiada pelo Espírito, também a operar sob a mesma comissão, quando disse a Saulo: "**Levanta-te, e baptiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor**" (Act. 22.16).

Assim, a rejeição sumária de Mar. 16.9-20, como texto espúrio, de modo algum anula o problema, pois outras passagens das Escrituras provam sem sombra de dúvida de que sob a chamada "grande comissão", o baptismo na água era requerido para a salvação.

VIA NÚMERO DOIS

A grande maioria dos baptistas que acham que não podem legitimamente rejeitar Mar. 16.9-20 como texto espúrio têm, contudo, adoptado uma via que é igualmente desonrosa para o Senhor. **Alteram** a Palavra escrita de Deus para a fazerem harmonizar com os seus próprios pontos de vista doutrinários.

Distorcendo a última parte de Marcos 16.16 para obterem daí insinuações totalmente infundadas, argumentam dizendo que a passagem não ensina o baptismo para a salvação. Assim, apesar de a comissão declarar com clareza: "**Quem crer e for baptizado será salvo**", ensinam, pelo contrário, que **quem crê e for salvo deve ser baptizado**.

Os membros da denominada *Igreja de Cristo*, que defendem que o baptismo hoje é necessário para a salvação, apresentam o caso em termos até mais fortes. Eles acusam correctamente dizendo que, apesar da comissão declarar distintamente: "Quem crer **e for baptizado** será salvo", os baptistas asseveram ousadamente que quem crer e **não** for baptizado será salvo! Ainda que a *Igreja de Cristo* seja semelhantemente inconsciente e ilógica, ao por um lado defender que o baptismo para a salvação de Marcos 16.16 se aplica à presente dispensação, enquanto por outro nega que os sinais miraculosos dos versículos 17 e 18 se aplicam aos nossos dias. Como é que os defensores do baptismo na água hodierno podem responder a esta acusação?

Nesta relação, fazemos aos nossos leitores um aviso na presença de Deus para que tenham cuidado com aqueles que adoptam estas vias, pois uma pessoa que assim mutila, força e adultera um texto da Palavra de Deus que é tão clara, é apto a fazer o mesmo com outras, frustrando aos homens a verdade e induzindo-os em erro.

Como salientámos já, Pedro foi um dos que o Senhor comissionou, dizendo: "**Ide**". Além disso ele encontrava-se "**cheio** do Espírito Santo" (Act. 2.4), de forma que ele **não podia** ter errado na sua interpretação desta comissão. E **ele** exigiu o baptismo "**para a remissão dos pecados**", de modo que **tem que ser esse** o significado das palavras em Mar. 16.16.

Tanto os baptistas como os que se auto-denominam de "A Igreja de Cristo", falharão completamente em se libertarem das suas posições inconscientes e ilógicas enquanto insistirem que a comissão aos onze (posteriormente doze) é a **nossa** comissão, e não virem e reconhecerem a comissão muito maior posteriormente dada a Paulo e a nós (Gál. 2.2-9; II Cor. 5.14-21).

A solução simples para os seus problemas é reconhecerem que enquanto a comissão dada aos onze **estipulava** o baptismo na água como **um requisito** para a salvação e indicava os sinais miraculosos como **evidências** da salvação, a nossa comissão, que a suplantou da mesma forma que Paulo suplantou os doze apóstolos, não.

No princípio dos Actos, encontramos tanto o baptismo como os sinais miraculosos da comissão em plena força, todavia **ambos** desaparecem com o ministério de Paulo (Ver I Cor. 1.14-17; 13.8).

A suprema importância de se ver tudo isto jaz no facto de que com Paulo nós emergimos do legalismo e das obras do Velho Testamento para "**a dispensação da graça de Deus**" (Efé. 3.1-4), e dos sinais terrenos para "**todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo**" (Efé. 1.3). Assim, as contradições imaginárias entre os "evangelhos" e as epístolas de Paulo dissolvem-se e não há nada que anule ou neutralize a nossa posição peculiar como membros do Corpo de Cristo.

Uma vez separados das Bênçãos do concerto, nós éramos por natureza "filhos da ira, como os outros também",

"MAS DEUS ..." (Ler bem Efé. 2.4-10 e Col. 3.1-3).

Estas palavras do Senhor ascendido e glorificado por meio de Paulo, encontra-se tão acima das do Senhor Jesus aquando da Sua estadia na terra, como os céus estão longe dela.

Isto não quer dizer que neguemos que as palavras faladas por nosso Senhor, enquanto aqui na terra, fossem verdadeiras e os mandamentos autoritários, mas que foram posteriormente suplantados por revelações adicionais e mais elevadas, por verdades mais gloriosas e uma comissão mais elevada que Ele mesmo deu — já glorificado e exaltado acima de tudo (Efé. 1.19-21).

Os que falham em ver e reconhecer isto encontram-se num número elevado de contradições. Os que **vêm e reconhecem** isto entram na apreciação da admirável harmonia do programa de Deus e descobrem um novo objectivo e poder no seu ministério para Ele.

UMA GRANDE INCOERÊNCIA

A confusão que tem avassalado a Igreja é grandemente devida à inconsistência óbvia dos crentes estarem a **escolher** da "Grande comissão" apenas as instruções que se harmonizam com o **seu** sistema de ensinamentos.

O mandamento para baptizar em Mar. 16.16 é seguido pela promessa:

*"E estes **sinais** seguirão ..."* (Ler bem os Vers. 17, 18).

Muitos insistem repetidas vezes que temos que ser baptizados na água, mas excomungam quem, por outro lado, "fale línguas". Que direito têm tais crentes de "dividir o que Deus uniu"? Sim, pois o baptismo na água e os sinais miraculosos andam sempre juntos, na "grande comissão".

Não é estranho e incoerente que os crentes em geral se oponham vigorosamente aos Pentecostais e à sua tentativa para restaurar os dons sinais, e ainda assim e apesar disso defendam tenazmente o baptismo na água para hoje na base da **mesmíssima comissão**?

Os apologistas da prática do baptismo na água nos nossos dias podem querer justificá-lo, citando as várias passagens da "grande comissão", mas não têm o direito de escolher nela o que lhes convém ignorando o resto.

As Escrituras mostram bem que o baptismo na água anda sempre associado aos dons sinais. Se aquele está em vigor, estes também. Mas não, pois Deus pô-los **ambos** de parte, ao pôr de parte a nação de Israel.

UMA GRANDE DIFERENÇA

No baptismo hodierno, quando as pessoas são baptizadas, manifestam invariavelmente uma **grande alegria** que, por vezes, se manifesta com expressões como "Aleluia!", "Louvado seja o Senhor!", etc.

Porém, **não acontecia assim** com os baptizados de João Baptista e Pedro. As Escrituras mostram com muita clareza que os que vinham a estes crentes para serem baptizados encontravam-se profundamente contritos, e vinham, indubitavelmente, lívidos, mortifcos e abalados, "**confessando os seus pecados**" (Mat. 3.6; Act. 2.37,38).

No baptismo hodierno fazem-se estudos preparativos prévios com os candidatos ao baptismo, antes destes serem sujeitos ao rito. Esses estudos levam normalmente dias, semanas ou meses.

Tal prática é absolutamente estranha às Escrituras. Nunca ninguém, quando o baptismo na água estava em vigor, fez estudos prévios elucidativos com os candidatos ao baptismo. O que a Bíblia revela é isto: O evangelho era pregado aos pecadores, e estes, **na mesma hora em que o ouviam**, desde que cressem, eram imediatamente baptizados. (Act. 2.37-41).

O apóstolo Paulo revela com nitidez que o Espírito Santo entra no crente **no momento exacto** em que ele, ouvindo o evangelho, crê (Efé. 1.13).

Este procedimento é completamente estranho à época em que o baptismo na água estava em vigor. Então, o crente só recebia o Espírito Santo **depois** de ser baptizado (Act. 2.38)⁵.

No baptismo hodierno, este só é levado a cabo sobre pessoas que é suposto já terem recebido o Espírito Santo.

Como podemos ver em Act. 2.38, 8. ..., etc., o baptismo era ministrado a pessoas que não tinham recebido ainda o Espírito Santo.

Alguns baptistas têm-nos dito, "Nós não **pregamos** o baptismo; pregamos Cristo".

Bem, isso é bom, mas lembremo-nos que João, "o Baptista", **pregava o baptismo**. (Ler bem Marcos 1.4; 10.37). Ele exigia-o como demonstração de verdadeiro arrependimento e como requisito Divino "para a remissão dos pecados". É verdade que, em si, o baptismo na água não podia salvar, pois oceanos de água não podem tirar um único pecado, como o sangue dos animais (Heb. 10.4). **Essencialmente é por meio da fé** que os homens foram sempre salvos. Mas quando Deus requeria o arrependimento e o baptismo "para a remissão dos pecados" a fé só podia responder arrependendo-se e

⁵ Act. 10.44-48 é uma excepção, mas note-se porquê. Acontece **depois** da conversão de Paulo, e foi após a conversão de Paulo que o Senhor começou a alterar progressivamente as coisas — suspendendo o velho programa e introduzindo o novo. Notemos que o sermão de Pedro foi interrompido por Deus, para seu **espanto** e dos seu companheiros, ao verem que estes Gentios eram salvos e recebiam o Espírito Santo, sem serem baptizados com água. É verdade que depois Pedro baptizou-os, para manter, por assim dizer, a escrita em dia e em ordem, mas a mudança que Deus estava a introduzir era um facto. Antes que Pedro os baptizasse, cumprindo o mandamento de Mar. 16.15,16, e agisse em conformidade com o que nesse propósito já o fizera antes em Act. 2.38, Deus interrompeu o seu sermão e retirou o caso das suas mãos. Foi assim que Pedro se defendeu mais tarde, perante os apóstolos, quando teve que explicar este desvio do programa então em vigor; "Quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?" (Act. 11.17). Seria com base nesta experiência de Pedro que o apostolado e ministério de Paulo seriam reconhecidos. O programa da "Grande Comissão" estava a sofrer um desvio. A partir daqui o baptismo na água ainda continuou a ser praticado por mais algum tempo, enquanto Cristo esteve a ser manifestado a Israel, até que acabou mesmo por ser suspenso com a rejeição da nação em Act. 28. Recordemos que a transição do programa operada por Deus não foi repentina, mas progressiva. À medida que Israel ia "diminuindo", o baptismo também.

sujeitando-se ao batismo. "A obediência da fé" era esta, e uma recusa ao batismo só podia representar incredulidade e rebelião (Luc. 7.29,30).

UMA GRANDE EVIDÊNCIA

Não é significativo o facto dos Doze Apóstolos terem sido os únicos que Cristo comissionou a praticar o baptismo na água? Paulo declarou explicitamente: "**Cristo enviou-me, não para baptizar**", e se nós não cremos no dogma Papal da Sucessão Apostólica, onde é que encontramos base para praticarmos hoje o baptismo na água? Nos dias do Velho Testamento os sacerdotes eram comissionados a praticar o baptismo na água, mas isso não significava que todo o Israelita era também comissionado. Mesmo ao rei em Israel não era permitido tomar parte no ministério sacerdotal — de facto, houve, mesmo um rei que foi castigado com a lepra por o ter tentado fazer.

No Velho Testamento, em Israel, havia uma Sucessão Sacerdotal, porém nenhuma Sucessão Apostólica no Novo Testamento. Porquê? Simplesmente porque os Doze sentar-se-ão sobre doze tronos no reino Messiânico julgando as doze tribos de Israel. Eles não têm sucessores. Os nomes dos Doze estão gravados nos doze fundamentos do muro da nova Jerusalém (Apoc. 21.14). A comissão deles visava o estabelecimento do reino. Nós agora sabemos que Israel rejeitou o seu ministério e que por essa razão Deus suspendeu o estabelecimento do reino e com isso a comissão, tendo dado a conhecer o Seu presente propósito em graça por meio do Apóstolo Paulo. Não é incrivelmente estranho que a Cristandade ignore, na sua maioria, quase completamente o apostolado de Paulo, e se volte para os Doze, perpetuando um ministério que Deus suspendeu durante o curso da presente dispensação? E mais estranho ainda é muitos crentes arrogarem-se do ministério apostólico e suporem que tudo o que Cristo mandou aos Doze cabe-lhes a eles agora cumprir.

Paulo era um apóstolo de Cristo tão genuíno como os Doze mas era o apóstolo duma dispensação nova e diferente. Ele voltou-se para a comissão que Cristo deu aos Doze e disse: "Esta é a minha guia de marcha", como a maioria dos crentes faz hoje? Ele disse que a fim de ser obediente a Cristo tinha de cumprir todos os mandamentos que Cristo deu aos Doze? Se ele não disse nós devemos dizer?

Nós temos em I Cor. 1.14-18 uma declaração claríssima de Paulo na qual ele diz que o baptismo na água **não** pertencia à sua comissão. Leiamos bem este texto que dá um testemunho inequívoco do facto de que ele **não** foi enviado a baptizar, ao contrário dos Doze.

Esta passagem das Escrituras é de difícil aceitação para muitos. Poderia Paulo ter querido dizer, perguntam, que ele **não** tinha sido enviado a baptizar; que o baptismo **não** fazia parte da comissão que Deus lhe deu? Não terá ele querido dizer que ele não foi primariamente enviado a baptizar, mas a pregar o evangelho?

Esta questão tem gerado assim mais calor que luz, resultando em pontos de vista divergentes que se têm polarizado. Peçamos então a Deus mentes e corações abertos para receber o que Ele diz sobre o assunto.

Primeiro, é claro que **João Baptista** foi enviado a baptizar, pois em João 1.33 ele refere-se ao Senhor como "**O que mandou a baptizar com água**".

Também sabemos que **Onze** (ou Doze) foram enviados a baptizar, pois em Mat. 28.19 temos o registo da comissão do Senhor a eles para "**Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as ...**". Eles começaram a levar a cabo esta comissão em Pentecostes, baptizando cerca de 3.000 ouvintes nesse único dia.

Porém a mensagem deles foi rejeitada pela primeira nação, Israel, e Estêvão foi apedrejado, na sequência duma perseguição aos discípulos de Cristo. Foi então que Deus levantou Paulo, **um outro** apóstolo, salvo e comissionado totalmente aparte dos Doze, e longe de Jerusalém. E onde é que encontramos uma frase que indique que este **outro apóstolo** foi comissionado para baptizar? Em parte alguma. Temos que concluir assim que Paulo quis dizer precisamente o que disse em I Cor. 1.17: "**Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar**". De facto, se Paulo, como os doze, **tivesse sido** Divinamente enviado a baptizar com água, não encontramos qualquer justificação para ele agradecer a Deus por ter baptizado tão poucos.

É argumentado, contudo, a respeito de I Cor. 1.14-17, que Paulo estava contente de ter batizado tão poucos apenas por causa do abuso que os crentes Coríntios faziam com a cerimónia. Todavia a ceia do Senhor foi muito mais abusada por estes mesmos Coríntios, e ele não negou que esta mesma celebração pertencia à sua comissão especial. De facto, em I Coríntios 11.23, ele torna enfaticamente claro que ele "*recebeu do Senhor*" as instruções a respeito da Ceia do Senhor, e repreendeu duramente os crentes Coríntios pelo seu abuso desta celebração alegre e sagrada. Sim, Paulo não agradeceu a Deus por "não se realizar a Ceia do Senhor", nem declarou: "Cristo enviou-me, não para realizar a Ceia do Senhor", e foi mesmo mais longe ao confessar que a Ceia do Senhor fazia parte da sua comissão.

Os que praticam o batismo na água ficam embaraçados ao lerem que Paulo dava graças a Deus por ter batizado tão **poucos**, quando normalmente os pregadores do seu meio agradecem usualmente a Deus por terem batizado **muitos**. O batismo na água é considerado, na maioria dos que o advogam, como um dos "instrumentos de medida" das bênçãos de Deus nas suas igrejas, havendo muito orgulho nos números que se conseguem neste ritual. Assim, vendo-se em dificuldade, procuram embaraçar-nos com o facto de Paulo ter tido algo a ver com esta cerimónia.

Alguns dos que defendem o batismo na água sugerem que a relutância de Paulo em batizar um número elevado dos carnais Coríntios se deveu ao seu temor **deles** se gloriarem de "seguirem Paulo" e assim dividirem a Igreja. O leitor lembrar-se-á decerto como alguns deles diziam, "Eu sou de Paulo; e eu de Apoio; e eu de Cefas; e eu de Cristo" (Ver. 12). Sugerem que Paulo realizou poucos batismos para que houvesse menos sectarismos e menos tendência das pessoas se reunirem por detrás dele ou de outros líderes. Certamente que Paulo queria que todos os crentes se unissem em Cristo de toda a forma, porém existem pelo menos três razões porque o acima exposto não pode ser uma explicação satisfatória desta passagem.

Primeiro, se o Senhor quisesse que Paulo batizasse os seus convertidos e o tivesse enviado com instruções claras para o fazer, com que autoridade poderia ele alterar tais instruções e adaptá-las para compensar a carnalidade dos Coríntios? Onde é que nos nossos dias temos ouvido de batizadores relutantes em batizar devido aos candidatos revelarem alguma carnalidade, ou falta de espiritualidade? Pelo contrário, o batismo na água não é uma das marcas do começo do crescimento espiritual, na estima de muitos? E não se dá mais o caso dos crentes serem julgados de **não espirituais**, se **não** forem batizados? Temos descoberto ser assim com os do nosso relacionamento que praticam o batismo na água. Entre os que sugerem esta razão para a limitação do número de batismos que Paulo decidiu fazer, não conhecemos um único que o siga segundo esta sugestão apresentada!

Segundo, se Paulo tivesse a mente do Senhor no desenfatar o batismo na água para **diminuir a oportunidade de se reunir um grupo em seu nome, a mesma conduta** não teria sido seguida por Apoio e Cefas (Pedro) e todos os outros servos do Senhor? E não havia o perigo desta cerimónia cair em desuso e a sua administração ficar sujeita à discricção dos líderes? Decerto que os que entendem encontrar-se debaixo da chamada "grande comissão" não podem tomar tais liberdades, especialmente se seguirem o apóstolo Pedro, visto ele ter ordenado "**a cada um**" (todos) da sua audiência a "arrependerem-se e a serem batizados ..." (Act. 2.38).

Terceiro, se Paulo desenfatisasse o batismo na água para **diminuir** a possibilidade de um grupo o seguir, gostará alguém de explicar porque é que ele escreveu, "sede **meus imitadores (seguidores)**" (I Cor. 4.16) e de novo "Sede **meus imitadores**, como também eu de Cristo" (I Cor. 11.1)? Com a excepção do Senhor Jesus Cristo, Paulo é o único escritor do Novo Testamento que insta connosco para que **o sigamos!** Não foi apenas aos Coríntios, pois aos Filipenses ele também escreveu, "Sede também **meus imitadores** ..." (Fil. 3.17). Uma vez que isto se encontra implícito em todas as suas cartas, poderá alguém duvidar que, por inspiração, Paulo ordenou que os crentes **o seguissem** sem que se preocupasse que se tornassem num "grupo" ou "facção", ao fazê-lo?

Ora, certifiquemo-nos **se estamos a seguir Paulo** no que concerne ao batismo nos nossos dias!

Então que quis ele dizer quando afirmou: "para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome"?

Poderá um leitor sério sugerir porventura que Paulo, quando baptizava uma pessoa, dizia "**Eu te baptizo no nome de Paulo?**", ou que algum Coríntio diria que Paulo o fez? Quem acreditaria nisso? Deixemos que sejam as Escrituras a explicarem-se!

Para podermos compreender, convém lembrar aqui que as palavras "*em nome de*", ao contrário do que quase todo o mundo dos crentes supõe, **não** era uma **fórmula**. Sempre que o rito do baptismo hodierno é levado a cabo, ouve-se constantemente esta frase como uma fórmula, "Eu te baptizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mat. 28.19). Puro erro. Os apóstolos não foram instruídos a repetir estas palavras, mas simplesmente a baptizarem *em nome de*, isto é, *por autoridade de* o Deus trino, precisamente da mesma forma que um agente da polícia pode prender um criminoso **em nome da lei** sem ter que o fazer invocando "a fórmula". Ele não pronuncia necessariamente "em nome da lei", numa tal situação. Pelo contrário, anuncia que está a fazer cumprir a lei que lhe conferiu autoridade para aprisionar. Da mesma forma o nosso embaixador na ONU pode falar **em nome de Portugal**, sem que para o fazer tenha que preceder cada sua intervenção com a "fórmula", "Eu, **em nome de** Portugal ..." — seria ridículo, pois todos os presentes sabem que ele recebeu autoridade de Portugal para falar ou actuar. O que está em questão não é a repetição das palavras, mas **a autoridade do representante**. O que o Senhor disse aos onze foi que lhes dava autoridade para baptizar. Baptizar era uma tremenda responsabilidade, pois era "para perdão dos pecados". Para tal era, pois, precisa autoridade Divina. Os crentes de Actos 2.38 foram baptizados "em nome de Pedro", isto é, por autoridade de Pedro — Pedro tinha autoridade Divina para baptizar. Ora os poucos crentes em Corinto que foram baptizados por Paulo, foram-no, mas não "em seu nome", isto é, não por sua autoridade — Paulo não tinha recebido autoridade para baptizar —, "porque Cristo enviou-me, não para baptizar". Se o fez, foi simplesmente porque emergiu duma dispensação em que isso era norma. Os que acham que as palavras "em nome de" são uma fórmula requerida para este ritual, ficam perplexos e baralhados quando lêem em Act. 2.38 e 19.5 que os crentes ali não foram baptizados "em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo", mas simplesmente "no nome do Senhor Jesus". Se fosse a repetição de palavras que estivesse em causa, como é que temos aqui uma alteração nelas? Não, o que estava em causa, repetimos, não era a repetição das palavras, mas **a autoridade do representante**.

Neste presente século de graça, com tantos séculos já passados desde que a nação de Israel foi finalmente posta de parte, que diremos dos que continuam com este rito da dispensação precedente? Não estarão a baptizar em seus próprios nomes?

A fim de compreendermos a razão de Paulo ter baptizado, não nos podemos esquecer que ele foi salvo durante a administração Pentecostal do Evangelho do Reino, e que Ananias foi enviado a ele com a mensagem que era apresentada a qualquer Judeu naquela época, "Levanta-te, baptiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor" (Act. 22.16). Paulo, depois disto, labutou 8 ou 9 anos entre o povo de Israel onde este baptismo era praticado. Pedro tinha sido enviado ao Gentio Cornélio e baptizou-o. (Não eram simplesmente os sacerdotes que tinham que ser lavados, ou baptizados, no Velho Testamento. Os considerados cerimonialmente **imundos** também, que fala dos **Gentios**, e explica o baptismo dos Gentios sob a "Grande Comissão"). Foi desta situação dispensacional que Paulo emergiu para a nova dispensação que Deus lhe confiou. Esta emergência não foi repentina. Não houve um corte completo, duma vez por todas, com tudo o que estava para deixar de estar em vigor. Tratou-se duma transição gradual que cobriu um período de 20 a 30 anos. As Escrituras revelam muito claramente que a nação de Israel não foi posta de parte instantaneamente, pois Paulo fala tanto da "queda" como da "*diminuição*" de Israel (Rom. 11.12). Israel foi **diminuindo** até ao fim dos Actos, enquanto o programa da dispensação da graça foi sendo introduzido **progressivamente**. Cristo foi "*derribando* (progressivamente; não derribou instantaneamente) a parede de separação que estava no meio" (Efé. 2.14). O muro do velho programa não caiu repentinamente. Foi caindo tijolo a tijolo. Os sinais foram postos de parte com o povo dos sinais quando o pronuncio de juízo final sobre eles foi feito em Act. 28.28. Convém aqui lembrar que assim como a circuncisão era um sinal do concerto Abrâmico, o baptismo na água era um sinal do concerto Davidico, pois como já vimos, o baptismo na água nas Escrituras, está associado com a manifestação de nosso Senhor como Rei de Israel (João 1.31).

Ora, foi durante este período transicional que Paulo teve ainda liberdade entre os Judeus para praticar aquelas coisas que estavam ainda em vigor. Cristo tinha enviado os doze a baptizar tanto os Judeus como os Gentios, e assim, Paulo, emergindo dessa dispensação, também baptizou alguns Judeus e Gentios, apesar de Cristo

nunca o ter comissionado a fazê-lo. O Senhor entretanto ia dando sucessivas e progressivas revelações a Paulo (Ver Act. 26.16; II Cor. 12.1) a respeito da nova ordem de coisas que, a pouco e pouco, se ia estabelecendo, e é nesse interim que ele toma conhecimento da omissão do baptismo na água da sua comissão e da verdade do "um só baptismo" de Efé. 4.5 — o baptismo do Espírito. Na altura em que ele escreveu a I Coríntios teve certamente conhecimento destes factos tão plena e claramente que podia "dar graças a Deus" por ter baptizado poucos crentes.

Em resumo: João Baptista foi enviado a baptizar? Sim, e temos Escritura para isso. Os onze (ou doze) foram enviados a baptizar? Sim, e temos Escritura para isso. Paulo foi enviado a baptizar? Não, *e temos Escritura para isso!* De facto temos tanto evidências negativas como positivas de que o Senhor glorificado não enviou Paulo a baptizar, que o baptismo não fazia parte da sua comissão.

Muitos crentes dizem que Mat. 28.19,20 são as últimas instruções de Cristo, mas estão completamente enganados, pois, mais tarde o Senhor falou de novo, do Céu, e enviou Paulo a evangelizar, mas não a baptizar.

Quem quiser tentar dar a volta a I Cor. 1.17 que nos faculte uma só passagem das Escrituras que declare, ou claramente implique, que o baptismo na água **era** parte da comissão que Deus deu a Paulo.

Agora pensemos com cuidado: João Baptista e Pedro teriam obedecido à comissão que Deus lhes deu se eles tivessem baptizado apenas poucos, e ainda dissessem que estavam **gratos** por isso? Certamente que não, pois eles foram mandados a irem pregar e **baptizar**, e com os seus ouvintes o baptismo na água, juntamente com o arrependimento e a fé, era uma questão de vida ou de morte, como acontecia com as ofertas de animais segundo Lev. 17.11 e Heb. 9.22.

As palavras de Paulo em I Cor. 1.14-18 devem ser consideradas à luz do facto de que Deus usou Paulo para introduzir **uma nova dispensação** como ele declara em Efé. 3.1-4 (Ler bem).

Ainda sobre o facto de Paulo ter baptizado **alguns**, não nos esqueçamos que semelhantemente ele também falou línguas, curou os enfermos, expulsou demónios e circuncidou Timóteo. Será que devemos praticar tudo isso? Não, pois isso pertence tudo à dispensação anterior, da qual ele emergiu gradualmente. Nós podemos ver algo disto na própria passagem que estamos a considerar.

Primeiro ele diz (I Cor. 1.14,15): "Dou graças a Deus porque a **NENHUM de vós baptizei, SENÃO a Crispo e a Gaio**. Para que ninguém diga que fostes baptizados em meu nome". Notemos bem: *Nenhum, senão estes dois*.

Depois, no Ver. 16 ele acrescenta, "**E baptizei também a família de Estéfanos**". Isto agora é diferente! Primeiro ele diz dois e não mais, e depois acrescenta uma família inteira. E isto não é tudo, pois agora, tornando-se mais cauteloso, diz, "**além destes, não sei se baptizei algum outro**" (Ver. 16).

Isto soa estranhamente contrário à inspiração Divina, não soa? O apóstolo parece inseguro de si. Ah, mas nós encontramos aqui a maravilha da Inspiração das Escrituras, pois a Bíblia, a Palavra de Deus escrita, como Cristo a Palavra viva, é **completamente humana e completamente Divina**. Paulo escreveu naturalmente como homem aos seus amigos, não estando certo quanto ao número exacto dos que ele teria baptizado, mas **isto é também Deus a falar** e a demonstrar-nos que o baptismo na água tinha perdido a sua importância.

Porque é que Paulo estava alegre de ter baptizado apenas poucos, e porque é que não estava certo do número? Descobrimos a resposta clara no versículo seguinte. Leiamos-lo cuidadosamente e meditemos nele.

"Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar ..." (Ver. 17).

E acrescenta:

"NÃO EM SABEDORIA DE PALAVRAS, PARA QUE A CRUZ DE CRISTO SE NÃO FAÇA VÃ;

"PORQUE A PALAVRA DA CRUZ É LOUCURA PARA OS QUE PERECEM; MAS PARA NÓS QUE SOMOS SALVOS, É O PODER DE DEUS" (Vers. 17,18).

É por **isto** que o baptismo na água caducou. Quando Israel rejeitou o Rei e o Seu reino, e tudo estava pronto para receber a ira de Deus na Grande Tribulação, Deus, em admirável amor e graça, interrompeu o programa profético, salvando o Seu principal inimigo na terra, Saulo de Tarso, e enviou-o como o arauto e a demonstração viva da Sua graça ilimitada, usando-o para introduzir a dispensação sob a qual vivemos agora, "a dispensação da graça de Deus" (Efé. 3.2).

O leitor já notou quantos crentes podem citar I Cor. 1.18, mas quão poucos citam os Versículos 17 e 18 **juntos**? Eles **fazem parte** um do outro, pois assim como o "porque" do ver. 17 nos envia para os versículos precedentes, o "porque do ver. 18 envia-nos para o ver. 17:

"Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para pregar o Evangelho, não em sabedoria de palavras, PARA QUE A CRUZ DE CRISTO SE NÃO FAÇA VÃ;

"PORQUE A PALAVRA DA CRUZ é loucura para os que perecem; mas para nós que somos salvos, É O PODER DE DEUS".

Isto não indica que "o evangelho da graça de Deus" de Paulo se baseia no portentoso feito de Cristo no Calvário? O apóstolo não queria que **nada**, nem um rito religioso nem a "sabedoria de palavras", depreciasse esta mensagem, pois é na proclamação da cruz que jaz a salvação. Porquê? Porque a cruz declara a **justiça** de Deus (como também o Seu amor) ao ostentar o **pagamento da justa condenação dos nossos pecados**. Isto é apresentado maravilhosamente em Rom. 1.16,17, onde o apóstolo declara:

"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê ...

"PORQUE NELE SE DESCOBRE A JUSTIÇA DE DEUS ..."

O **amor** de Deus também foi revelado no evangelho, e por isto o apóstolo estava profundamente **grato**, mas o que fazia dele tão **orgulhoso** do evangelho era o facto de que a **justiça** de Deus estava revelada nele. Ele não ia para os perdidos e dizia, "Arrependei-vos e cada um de vós seja baptizado para o perdão dos pecados". Dizia antes, "Tenho notícias maravilhosas para vós. **Os vossos pecados foram todos expiados!** Crede no Senhor Jesus Cristo e sereis salvos". Isto é na verdade graça! Não admira ele escrever aos Gálatas:

"Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo ..." (Gál. 6.14).

Ele podia gloriar-se nos feitos do Calvário. Ele podia gloriar-se — e nós também — no facto de Deus ter tratado **justamente** com os nossos pecados; que a salvação se baseia num fundamento sólido de uma pena cumprida, de tal modo que ninguém no céu poderá dizer a alguém, "O quê! Tu aqui?" Pelo contrário, regozijar-nos-emos todos juntos no bendito Salvador que pagou a condenação plena de todos os nossos pecados.

Paulo deu graças a Deus por duas coisas, durante essa altura: "Dou graças a Deus porque a nenhum de vós baptizei ..." (I Cor. 1.14) e "Dou graças ao meu Deus porque falo mais línguas do que todos vós" (I Cor. 14.18). A maioria dos pregadores ortodoxos, hoje, dá graças a Deus pelo número elevado de crentes que baptizam e condenam como heréticos os que não praticam o baptismo; e dão graças a Deus por não falarem línguas e condenam como fanáticos os que "o fazem". Alguém com um mínimo de arrazoabilidade verá facilmente a contradição disto.

A palavra "lavar" em I Cor. 6.11 — " ... Haveis sido **lavados** ... pelo Espírito" —, no Grego, é exactamente a mesma que foi traduzida também por "lavar" em Actos 22.16, e são as únicas vezes que ocorrem. Quando Paulo foi salvo, como já vimos, o baptismo era requerido para a lavagem dos pecados, porém mais tarde

escreveu aos Coríntios, "haveis sido lavados **pelo Espírito**". Como é possível ser-se tão cego a ponto de não se ver uma tão clarividente mudança dispensacional como esta? Ah, como oramos intensamente para que o Senhor ilumine os olhos do seu entendimento, querido leitor!

UMA GRANDE CLAREZA

"Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, **NÃO LANÇANDO DE NOVO O FUNDAMENTO** do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus.

"**E DA DOCTRINA DOS BAPTISMOS**, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." (Hebreus 6.1,2).

O tema da epístola aos Hebreus é a incomensurável superioridade do Cristianismo sobre o Judaísmo. A menos que o intérprete mantenha isto em mente ao analisar cada capítulo e cada passagem, será conduzido inevitavelmente em erro. É esta a chave que abre cada passagem. Se alguém tentar abrir qualquer porção sem ela, a explicação extraída só pode ser forçada, e por conseguinte falsa.

O capítulo 6 de Hebreus não começa uma nova secção da epístola, mas continua a digressão em que o apóstolo entrou no cap. 5 e Vers. 11. "Pelo que" é disso uma evidência clara.

Primeiro, o escritor declara a sua intenção positivamente, ou seja, ir "até à perfeição" (Ver. 1). Segundo, nomeia o que tenciona deixar (Vers. 1-3). Terceiro, faz um aviso acerca da condenação certa dos apóstatas (Vers. 4-8).

"**Deixando os rudimentos da doutrina de Cristo**". Por "rudimentos da doutrina de Cristo" entende-se o que Deus tornou conhecido a respeito de Cristo sob o Judaísmo, através das figuras, tipos, sombras, predições. Ora, diz o escritor de Hebreus que tudo isto se cumpriu: as predições realizaram-se, as sombras encontraram a sua substância, os tipos viram os antítipos e as figuras a realidade. Os rudimentos têm a ver com a revelação divina antes do Cristianismo.

Os Hebreus estavam agarrados à velha economia. O escritor diz que agora deveriam abandoná-la, agora com a nova revelação de Cristo glorificado. A mensagem constante da epístola repete-se uma vez mais aqui: "Esqueçam as sombras, pois a substância encontra-se aqui. O velho deve dar lugar ao novo - que é melhor". "Se alguém está em Cristo nova criação é; as coisas velhas passaram; eis que tudo se fez novo".

"**Prossigamos até à perfeição**". Por isto entenda-se "Prossigamos até à revelação completa".

"**Não lançando de novo o fundamento**". O fundamento precede a edificação; assim, o Judaísmo o Cristianismo. Este assenta nas sombras, tipos, figuras. Uma vez erigido o edifício, o fundamento desaparece da vista; a sombra dá lugar à substância e os tipos e figuras à realidade. Além disso o fundamento só se coloca uma vez.

De relance, aparentemente, o fundamento **parece** referir-se a doutrinas da fé Cristã. Porém, um exame atento revelará que tem a ver exclusivamente com o Judaísmo. Em primeiro lugar vemos isso logo no facto destas doutrinas serem agrupadas em número de 6 — o número do homem na carne (feito ao sexto dia); e foi sempre isso que distinguiu o Judaísmo. Lembremo-nos das "seis talhas" das bodas de Caná. Em Efésios 4 Paulo agrupa em 7 (perfeição, completação) a espinha dorsal das doutrinas da fé Cristã. Depois, na análise de cada uma delas:

"Não lançando de novo o fundamento **DO ARREPENDIMENTO DE OBRAS MORTAS**". O "arrependimento de obras mortas" **não** "significa o arrependimento **de pecados**. Quando pelo termo "obras" as Escrituras se referem a pecados, utilizam a expressão "**obras más**" (Col. 1.21).

Segundo Hebreus 9.14 — a segunda e última ocorrência do termo "obras mortas" — vemos que por essa expressão o Espírito de Deus se refere às obras da lei cerimonial levítica que não podiam produzir vida. Os

sacrifícios que se ofereciam no sistema levítico eram "obras mortas", ineficazes, improfícuas. Tratavam-se de sombras que deveriam ser "deixadas" perante a realidade trazida agora por Cristo.

"Não lançando de novo o fundamento ... **DE FÉ EM DEUS**". O Judaísmo ensinava a fé em Deus; **o Cristianismo a FÉ EM CRISTO**. Crer em Deus, apenas, não salva ninguém hoje. É absolutamente necessário ter-se FÉ EM CRISTO. (Conf. Gál. 3.22-26). Como vem aqui a propósito relembrar as palavras do Senhor Jesus: "... Credes em Deus, crede também em MIM" (João 14.1).

"Não lançando de novo o fundamento ... **DA DOCTRINA DOS BAPTISMOS**". Que grande clareza. Quase que dispensa qualquer comentário. Como já vimos o baptismo na água é Judaico; nunca foi Cristão. A epístola aos Hebreus é a chamada final para os crentes Judeus saírem do arraial do Judaísmo e levarem o opróbrio de Cristo (Heb. 13.13). Aqui, chama estes Judeus a deixarem, a porem de parte, a abandonarem, todo o ensino acerca dos baptismos. Paulo diz aos Coríntios que ele não recebeu nenhuma comissão do Senhor para praticar o baptismo no seu ministério Gentílico, e aqui diz aos Judeus para abandonarem o ensino ou doutrina dos baptismos. A conclusão é óbvia para quem, com sinceridade, deseja seguir a Palavra de Deus "bem manejada". Para quem diz que as Escrituras não têm, em letra de forma, a anulação da prática do baptismo, aí a tem.

"Não lançando de novo o fundamento ... **DA IMPOSIÇÃO DAS MÃOS**". A chave do ensino da "imposição das mãos" encontra-se no Judaísmo. "A imposição das mãos" trata-se duma prática Judaica. Não é, nem nunca foi, uma ordenança Cristã. Não existe nenhum mandamento para os crentes a praticarem hoje. Era uma ordenança levítica. Os Judeus colocavam as suas mãos sobre o **holocausto** (Lev. 8.14) e o **bode expiatório** (Lev. 16.21), simbolizando a identificação entre a vítima e o ofertante. Na economia Mosaica a imposição das mãos era **um símbolo de identificação**. A ausência da imposição das mãos em Act. 2.41; 8.38, 16.33, etc., mostra claramente que normalmente o Espírito Santo era dado por Deus à parte da instrumentalidade dos Seus servos. Em passagens como Act. 6.3; 9.17 e 13.3 o acto era simplesmente uma marca de **identificação** como é suficientemente claro na última referência. Não nos esqueçamos que durante o período dos Actos, o Judaísmo e as suas ordenanças e práticas só são completamente abolidas e abandonadas no fim (Act. 28.28). Não nos admiremos de encontrar, pois, esta prática Judaica, à semelhança do que sucedeu com muitas outras, neste Livro.

"Não lançando de novo o fundamento ... **DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS**". A doutrina da ressurreição é uma doutrina claramente revelada no Judaísmo; é, pois, Judaica na sua origem; porém foi suplantada por uma revelação maior e mais plena e confortante no Cristianismo. Os Judeus, com base na revelação Judaica, criam numa **ressurreição geral de mortos**. A revelação do Cristo glorificado veio mostrar que a ressurreição não é geral, mas que é separada no tempo. Os perdidos e os salvos não ressuscitarão juntos, como se pensava, ainda que uns para a vida e outros para vergonha e desprezo eterno. A revelação Judaica da ressurreição dos mortos veio dar lugar à revelação Cristã da ressurreição de **entre** os mortos.

"Não lançando de novo o fundamento ... **DO JUÍZO ETERNO**". À semelhança da verdade da ressurreição a revelação Judaica levava os Judeus a crerem num **juízo geral** para toda a humanidade, como revela Eclesiastes 12.13 e 14. A revelação Cristã veio revelar que "nenhuma condenação ou juízo há para os que crêem em Cristo Jesus". (Romanos 8.1).

Os versículos 4-8 de Hebreus 6 revelam que os Judeus, ao receberem de Deus uma revelação posterior, maior, mais plena, perfeita, não poderiam, como vinha acontecendo até então, ser "renovados para o arrependimento", se a rejeitassem, teimando, como meninos, em ficar agarrados às sombras, figuras e tipos. O capítulo 5, especialmente os Vers. 10 e 11, mostra claramente que Melquisedeque fazia parte dos rudimentos da doutrina de Cristo. O escritor tinha muito que dizer de difícil interpretação acerca dele como tipo do Senhor Jesus. Eles não eram capazes de ver Cristo em Melquisedeque. Só viam Melquisedeque e por conseguinte "os primeiros rudimentos". Ah, mas o escritor diz e insiste que eles deveriam "deixar os rudimentos da doutrina de Cristo", visto o antítipo ter dado lugar ao tipo, a sombra à substância, a figura à realidade. A compreensão dos primeiros versículos do capítulo 6 passa pelo capítulo 5.

Sugerimos que o leitor leia agora o capítulo 5 e de seguida o 6, para ver com clareza como as coisas caem nos seus lugares devidos.

O facto de em Hebreus 6.2 a palavra "baptismo" se encontrar no plural — "baptismos" — tem levado alguns a pensar que se tratariam de diferentes espécies de baptismo. Porém não. Não percebemos onde se encontra a dificuldade. Esta linguagem é normalíssima. Os que praticam o baptismo na água nos nossos dias não dizem, "**Os baptismos** são em tal parte, no dia ..."? Quando utilizam a palavra no plural referir-se-ão a diferentes espécies de baptismo? É claro que não. Ora, precisamente o mesmo se passa em Heb. 6.2.

UMA GRANDE INVERDADE

Mateus 28.19,20 tem sido usualmente apresentado como um dos principais argumentos a favor da prática do baptismo na água, hoje. Este argumento apela ao sentimentalismo, quando sublinha que as palavras do Senhor nestes versículos "foram as últimas palavras do Senhor à Sua Igreja: e da mesma forma que respeitamos rigorosamente o cumprimento das últimas palavras e pedidos dum ente querido ao deixar este mundo, devemos com muito mais razões levar a cabo o "último" pedido do Senhor, submetendo-nos ao baptismo na água".

Talvez inconscientemente, mas sem dúvida realisticamente, este argumento **nega** a inspiração das epístolas de Paulo, pois afirma que as últimas palavras de Cristo são encontradas nos quatro "Evangelhos" e no primeiro capítulo dos Actos. Ora, Paulo afirma que, depois disso, Cristo apareceu-lhe do céu e falou-lhe por revelação tudo o que encontramos nas suas epístolas. É por isso que o vemos dizer, por exemplo, "Dizemo-vos, pois, isto **pela palavra do Senhor**" (I Tes. 4.15).

"Visto que buscais uma prova de **Cristo que fala em mim**" (II Cor. 13.3) é a repreensão de Paulo a este argumento sentimental.

É igualmente assim que se entende o significado de I Tim. 6.3, a saber, "as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo". É óbvio que são as palavras que o Senhor pronunciou **da glória** e **não** as palavras que Ele pronunciou quando estava **na terra**. Porquê? Por duas razões básicas:

Primeiro porque o mesmo Paulo diz que "a ninguém conhecemos segundo a carne, agora, e, **ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já O não conhecemos deste modo**" (2 Cor. 5.16). Comentar, para quê?

Segundo porque o próprio contexto o confirma. Notemos bem: Nos versículos 1 e 2 de I Tim. 6, Paulo ministra ensino quanto ao papel recíproco dos senhores e servos crentes, concluindo assim, "**Isto ensina** e exorta". E imediatamente de seguida afirma, "Se alguém **ensina** alguma outra doutrina (daquela que ele acabara de ensinar), e se não conforma com as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo (que era o que na realidade eram os seus ensinamentos — os ensinamentos que Paulo ministrava não eram da sua autoria; eram, sim, as sãs palavras que o Senhor lhe dera da glória para ele comunicar) ...".

Se cremos no que Paulo diz, as últimas palavras de Cristo **na terra** não apenas não são as Suas **últimas** palavras à Igreja desta dispensação, como não são sequer, de forma alguma, as Suas palavras ao Corpo de Cristo, pois Paulo afirma que Cristo revelou através dele primeiro, a verdade do Corpo e da sua existência, e por conseguinte também as instruções para os membros do Corpo. As últimas palavras de Cristo na terra foram faladas aos súbditos do Seu Reino e são tão importantes para eles, como as Suas palavras por meio de Paulo são para nós.

Não nos esqueçamos que enquanto **na terra**, o Senhor ministrou ao Seu povo terreno — Israel. Ao Seu povo celestial — a Igreja que é o Seu Corpo — Ele sempre ministrou **do céu**. Assim, o "Portanto ide ..." de Mat. 28.19 é um mandamento de facto da parte do Senhor, mas ainda na terra, para o Seu povo terreno.

Notemos que até o contexto em que se insere este mandamento do Senhor é incompatível com o nosso estatuto doutrinário de membros do Corpo de Cristo. O versículo 20, que faz parte do mesmo mandamento, diz: "Ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho mandado ...". Será que os que se socorrem de Mateus 28.19,20 para justificarem a prática do baptismo na água hoje, fazem-no porque desejam mesmo obedecer ao Senhor? Parece-nos que não, pois **nunca** os vimos "guardar todas as coisas" que Ele mandou. Por exemplo:

O Senhor mandou obedecer aos escribas e fariseus **por estes ocuparem a cadeira de Moisés** (Mat. 23.1-3). Ora, o que estes ensinavam era a Lei. Obedecem aos seus ensinamentos?

O Senhor mandou também

- dar a quem pedir e não desviar de quem pedir emprestado (Mat. 5.42)
- vender tudo e dar aos pobres (Mat. 19.21; Luc. 12.33)
- levar ofertas ao templo Judaico (Mat. 8.4)
- ir ter com os sacerdotes Judaicos (Mat. 8.4)
- expulsar os demónios (Mat. 10.8)
- Curar os enfermos (Mat. 10.8)
- ressuscitar os mortos (Mat. 10.8)
- não possuir nem prata, nem ouro, nem cobre (Mat. 10.9)
- não possuir alforjes para o caminho, nem 2 túnicas, nem alparcas (Mat. 10.10)
- não ajuntar tesouros na terra (Mat. 6.19)
- etc., etc., etc., ...

Obedecem a tudo isto? Se querem insistir numas coisas não devem omitir as outras que a elas estão associadas. Mesmo que estivessem certos, que não estão, quem iria acreditar neles? São reis na incoerência, e nem o sofisma e o malabarismo de palavras, em que alguns são peritos, conseguirá esconder esta realidade gigante.

Um outro argumento sentimental usado a favor da prática do baptismo na água é o de que este suscita perseguição e ódio. Diz-se que muitos crentes têm sido perseguidos por descrentes por se haverem submetido ao baptismo. Nenhum argumento poderia ser mais fraco do que este, pois não encontra qualquer apoio nas Escrituras. Nunca vemos nas Escrituras o baptismo na água, quando em vigor, suscitar tais coisas. As Escrituras mostram-nos crentes a sofrer ódio e perseguição devido ao seu testemunho verbal, não baptismal. Além disso, não suscita mais ódio e perseguição do que o baptismo praticado por seitas religiosas, bem conhecidas no nosso burgo. Acontece exactamente o mesmo, e no entanto estão perdidos nos seus pecados, e completamente errados. Esse facto em si não prova nada. O que conta é o que dizem as Escrituras, e elas não dão o seu aval a tal argumento. Devemos ter cuidado em não seguir uma doutrina pelos resultados que ela eventualmente possa produzir, mas pelas suas causas, e no que ao baptismo na água diz respeito, este trata-se duma doutrina cuja causa não é a formação do Corpo de Cristo, mas a manifestação de Cristo a Israel.

Um pretenso argumento jurídico tem também sido apresentado. Tem sido dito que um mandamento só pode ser revogado por outro. Querem com isso dizer que o mandamento para baptizar com água de Mat. 28 continua de pé visto não haver um outro mandamento que o revogue. Pois bem, os que assim argumentam enfermam duma dupla ignorância. Primeiro, ignoram que uma revogação, do ponto de vista jurídico, pode ser *tácita* ou *expressa*: é expressa quando o autor do segundo acto jurídico declara expressamente revogado, em todo ou em parte, o primeiro; é *tácita* quando, embora expressamente o não declare, se subentende que as segundas disposições contrariam ou alteram as primeiras. Segundo, ignoram, ou fazem vista grossa, ao facto da prática do baptismo na água ter claramente a sua revogação *expressa* em Hebreus 6.1,2; 9.1.10 e I Cor. 1.17, e *tácita* em Efé. 2.14,15; Col. 2.14-22; 4.5 e na vasta gama de outros textos Escriturísticos abordados neste livro, como o leitor teve já oportunidade de se certificar. A revogação da prática do baptismo na água nas Escrituras, por ser *expressa*, é mais clarividente e notória que, por exemplo, a revogação dos dons de curar, milagres (com as inerentes expulsão de demónios, ressurreição de mortos, etc.), por ser simplesmente *tácita*.

"Nada podemos contra a verdade, senão pela verdade" (2 Cor. 13.8).

UMA GRANDE CURIOSIDADE

São 5 as palavras Gregas no chamado "Novo Testamento" para "baptismo". Todas elas vêm da mesma raiz:

1. **BAPTO** — Trata-se dum verbo, que ocorre 3 vezes, e é sempre traduzido por "mergulhar" ou "submergir". Nunca é usado em referência quer ao baptismo espiritual, quer ao baptismo ritual. Referências: Luc. 16.24; João 13.26; Apo. 19.13.

2. **BAPTISTES** — Nos substantivos Gregos o sufixo **TES** indica o agente que realiza a acção. É o epíteto usado para o precursor de Cristo, João **Baptista**. É usado 14 vezes e em todos os casos refere-se a João. Não tem qualquer peso doutrinal. Referências: Mat. 3.1; 11.11,12; 14.2,8; 16.14; 17.13; Mar. 6.24,25; 8.28; Luc. 7.20,28,33; 9.19.

3. **BAPTIZO** — É um verbo que significa baptizar. É sempre traduzido por **Baptizar**, excepto em Lucas 11.38, onde é traduzido por "**lavar**". Ocorre 80 vezes. Eis as 80 ocorrências contidas nos seguintes 65 versículos, para serem consideradas detalhadamente: Mat. 3.6,11.11,13,14,16; 20.22,22,23,23; 28.19; Mar. 1.4,5,8,8,9; 6.14; 7.4; 10.38,38,39,39; 16.16; Luc. 3.7,12,16,16,21.21; 7.29,30; 11.38; 12.50; João 1.25,26,28,31,33,33; 3.22,23,23,26; 4.1,2; 10.40; Act. 1.5,5; 2.38,41; 8.12,13,13,16,36,38; 9.18;10.47,48; 11.16,16; 16.15,33; 18.8; 19.3,4,5; 22.16; Rom. 6.3,3; I Cor. 1.13,14,15,16,17; 10.2; 12.13; 15.29,29; Gál. 3.27.

4. **BAPTISMA** — Nos substantivos Gregos o terminal **MA** indica o resultado da acção expressa no verbo. Esta palavra é sempre traduzida por baptismo e ocorre 22 vezes, como se segue: Mat. 3.7; 20.22,23; 21.25; Mar. 1.4; 10.38,39; 11.30; Luc. 3.3; 7.29; 12.50; 20.4; Act. 1.22; 10.37; 13.24; 18.25; 19.3,4; Rom. 6.4; Efés. 4.5; Col. 2.12; I Ped. 3.21.

5. **BAPTISMOS** — Nos substantivos Gregos o terminal **MOS** indica a acção do verbo. Esta palavra ocorre só 4 vezes e é traduzida por **lavar 3** vezes e por **baptismos 1** (Heb. 6.2). Referências: Mar. 7.4,8; Heb. 6.2; 9.10.

Em si, a palavra baptismo significa simplesmente **identificar**. Por exemplo, a palavra Grega **BAPTO** significa **mergulhar em tinta** ou **tingir com tinta**, isto é, o material torna-se permanentemente identificado com a tinta ao tomar a sua cor ou carácter. Os filhos de Israel tornaram-se identificados com Moisés como seu líder quando atravessaram o Mar Vermelho. Cristo identificou-se com a humanidade quando foi baptizado por João. Ele identificou-se completamente com o homem e o seu pecado quando foi baptizado na morte, na cruz.

Nós tornámo-nos identificados com Ele quando pelo Espírito fomos baptizados no Seu Corpo.

A palavra baptismo, em si, **não** significa imersão, apesar duma imersão poder ser um baptismo. Um objecto podia ser imerso sem ser baptizado e baptizado sem ser imerso.

Há pelo menos 10 diferentes espécies de baptismos referidos no chamado Novo Testamento. Desses dez **apenas quatro** têm alguma relação com uma cerimónia de água. Ei-los:

1. Baptismo na água propriamente dito (Luc. 3.3; Heb. 6.2; 9.1,10; Act. 2.38).

2. Baptismo **tradicional** dos Judeus (com água) (Mat. 7.1-7).

3. Baptismo de Cristo na água (Mat. 3.13-17).

4. Baptismo pelos mortos (com água) (I Cor. 15.29). Prática de baptismo pagão. Paulo invoca-a em I Cor. 15 como argumento em prol da ressurreição. Por outras palavras, ele argumenta assim com os carnais Coríntios: "Vede que até os descrentes acreditam na ressurreição. Que vergonha para vós! 'De outra forma' porque baptizariam eles pelos mortos, se estes não ressuscitassem? Que esta pratica era pagã, é visto na forma como o apóstolo se refere aos que a cumpriram — "**os**" e "**eles**". Sempre que o apóstolo se refere a descrentes ele diz "**eles**". Nessa relação convém contrastar com o "**nós**" do Ver. 30. Ali, o apóstolo utiliza outro argumento a

favor da ressurreição, a saber, diz ele por outras palavras, "Se não houvesse ressurreição **nós**, como crentes, colocaríamos as nossas vidas em perigo?".

5. Baptismo em Moisés (I Cor. 10.1-4).

6. Baptismo típico da arca de Noé (I Ped. 3.20,21).

7. Baptismo de Cristo na morte (Luc. 12.50; Mar. 10.39).

8 Baptismo **com** o Espírito Santo (Luc. 24.4; Mat. 3,11; Act. 1.4,5).

9. Baptismo **pelo** Espírito Santo (I Cor. 12.13).

10. Baptismo com fogo (Mat. 3.11). Refere-se a juízo. O Vers. 12 descreve este baptismo de juízo referindo-se ao tempo em que o Rei voltará. Não tem nada a ver com as "línguas ... como que de fogo" que apareceram em "Pentecostes. Há muitas referências a este baptismo nas Escrituras. Uma das mais familiares é II Tes. 1.7,8. O baptismo com o fogo é um baptismo pelo qual nenhum crente deseja passar nem passará. O Senhor, no fim da Grande Tribulação, virá em glória e virá para exercer juízo. Com a sua pá separará a palha para ser queimada. O baptismo com fogo é a aplicação dos juízos de Deus no julgamento dos homens então.

UM GRANDE BAPTISMO

Com esta expressão referimo-nos ao que classificamos de BAPTISMO REAL, e referimo-nos como **real** ao baptismo espiritual, para o distinguir do **ritual** — o baptismo na água.

É verdade que tanto o baptismo espiritual como o ritual são reais nas suas esferas respectivas, contudo o espiritual é mais real, uma vez que é operado por Deus, perdura, e está presentemente em vigor — actual, por conseguinte. O ritual é operado pelo homem — não foi por acaso que o Senhor não baptizou ninguém, conf. João 4.1,2 —, não é senão temporário na sua natureza, e encontra-se actualmente suspenso, não podendo, em si, cumprir absolutamente nada.

Chamamos aqui a atenção do leitor para o baptismo real — espiritual —, porque a grande maioria dos crentes professos demonstram nada conhecer senão o baptismo ritual, e demonstram do mesmo modo ignorar completamente, senão a sua existência, pelo menos o seu valor.

Esperamos que, só por si, a expressão "BAPTISMO REAL" sirva para despertar todo o leitor para a necessidade que tem de ver claramente a realidade e valor do baptismo espiritual, pois as Escrituras tornam evidente que apenas o baptismo **real** pode tornar, presentemente, o ser humano num membro da Igreja que é o Corpo de Cristo (Conf. I Cor. 12.13).

Se uma pessoa tiver o baptismo ritual e não tiver o baptismo real, não está salva. Se, pelo contrário, uma pessoa tiver o baptismo real — que a coloca em Cristo (Rom. 6.3) e a torna participante de tudo o que é Seu, e em suma a salva — a questão que naturalmente se levanta é: Qual a necessidade, depois, do baptismo ritual? (Ver "A nossa unidade com Cristo", em Anexo B).

E Paulo, em Efé. 4.5, não afirma peremptoriamente que nesta dispensação há "UM SÓ BAPTISMO"? Houve alguém que disse muito bem a propósito do "um só baptismo" de Efésios 4.5: "*Ou o baptismo do Espírito (I Cor. 12.13) passou, havendo agora apenas o baptismo na água, ou o baptismo na água passou, havendo agora apenas o baptismo do Espírito*". **I Coríntios 1.17; Hebreus 6.1,2 e 9.1,10** são textos muito esclarecedores a esse respeito, e além disso, é infosismável que o baptismo espiritual do crente em Cristo, e por isso na Sua morte e no Seu Corpo, é hoje uma realidade que acontece no momento da conversão, pelo que o baptismo na água hoje **caducou**. Se alguém teimar em o querer perpetuar ele não é mais que um baptismo **absurdo e obsoleto**.

Os números de Deus nas Escrituras são sempre reais e literais. Quando as Escrituras dizem que Israel esteve 70 anos no cativeiro, foram exactamente 10 x 7 anos. Quando Moisés fugiu do Egipto tinha mesmo 40 anos de idade; quando foi chamado do Egipto tinha mesmo 80 anos; quando passou 40 anos com Israel no deserto morreu com a idade de 3 x 40 anos, ou seja, 120. O Senhor foi tentado depois de ter estado exactamente 40 dias no deserto; e ensinou exactamente 40 dias após a Sua ressurreição. Quando Deus fala em Apo. 20, são exactamente 10 x 100 anos. E, semelhantemente, em Efésios 4.5, quando Ele diz que agora há "UM SÓ BAPTISMO", Ele quer dizer exactamente **1**; e não 10, nem 20, nem 30; nem tão pouco quer dizer dois baptismos — um físico e um espiritual.

De João Baptista ao Calvário não havia senão **um baptismo** em vigor — o baptismo na água (Mar. 1.4; João 1.31). Durante o período Pentecostal houve **dois baptismos** em vigor — o baptismo na água (Act. 2.38) e o baptismo **com** o Espírito Santo (Mat. 3.11; Act. 1.5; 2.38). Na presente dispensação da graça de Deus não há senão UM SÓ BAPTISMO (Efé. 4.5) — aquele pelo qual somos baptizados em Cristo (Rom. 6.3) e por conseguinte no Seu Corpo (I Cor. 12.13).

Não se deve supor que este baptismo **pelo** Espírito em Cristo e no seu Corpo é o mesmo que **com** o Espírito Santo em Pentecostes. Neste, Cristo foi o baptizador, baptizando o Seu povo **com** o Espírito Santo (Mat. 3.11; Act. 1.5), enquanto que naquele, o baptizador é o próprio Espírito, que nos baptiza em Cristo e no Seu Corpo (I Cor. 12.13); O baptismo **com** o Espírito visava atribuir poderes sobrenaturais aos crentes. O baptismo **pelo** Espírito visa tornar quem crê num membro do Corpo de Cristo.

ANEXO A

O testemunho de esclarecimento que a seguir publicamos é de suma importância por três ordens de razão:

— Primeiro, porque revela a todos os crentes a **triste** verdade acerca da prática do batismo na água hoje, que alguns teimam em não querer reconhecer, e mostra a todo o povo de Deus **quem o anda a enganar** quando tenta encobrir desesperadamente **as contradições reais** que a prática deste rito hoje encerra.

— Segundo, porque mostra a todos os remidos em geral e particularmente aos crentes salvos que se confrontam com o problema de lhes exigirem sujeição ao batismo, para que sejam recebidos à mesa do Senhor nas igrejas locais onde ouvem a Palavra de Deus, que os líderes dessas igrejas fazem **acepção de pessoas**, visto que sempre receberam à mesa do Senhor outros líderes que nunca se sujeitaram ao batismo na água, e pior que isso, líderes que baptizavam **bebés**, uma prática hoje de forma alguma tolerada, com forte cheiro a grave **heresia** do Catolicismo, e sem qualquer base na Bíblia, uma vez que só eram elegíveis para o batismo, quando este estava em vigor, os que cressem, o que é impossível a um bebé.

— Terceiro, porque todo o crente, quando erra, e descobre isso, deve ter a **humildade** e a **coragem** de abandonar o erro e abraçar a verdade, mesmo que tal lhe custe a sua reputação perante os homens.

TESTEMUNHO DE ESCLARECIMENTO

Por Jaime da Costa Rodrigues

Não é minha intenção pôr em causa nem a pessoa nem o ministério do tão amado e saudoso irmão José Ilídio Freire, que sempre considerei como um pai na fé, e tentei imitar na sua dedicação e consagração à obra para qual Deus o chamou, e no temor e amor ao Senhor que sempre mostrou.

O que desejo fazer é um esclarecimento, para que de alguma maneira possa contribuir para edificação e ajuda de alguém que, porventura, esteja com dificuldade em saber a posição a tomar em relação ao batismo na água.

Pois bem! Tinha eu 17 anos quando o Senhor pela Sua graça me salvou. Aos 18 anos (14/4/41) fui baptizado por derramamento pelo amado irmão acima referido. Casei com 20 anos e Deus deu-nos uma menina. Tinha ela 6 mesinhos quando, por sermos ensinados (erradamente, conheci depois) a baptizá-la, como aliás já tínhamos visto esse exemplo noutros, pedimos ao irmão Freire que baptizasse a nossa filhinha, o que fez, conforme cópia do documento a seguir exarado.

O Senhor abriu-me os olhos, e logo me mostrou que o batismo de crianças não estava em conformidade com os ensinamentos Bíblicos. Daí que apesar de receber do Senhor mais 2 meninas nos anos 45 e 49, não ter requerido que fossem baptizadas em crianças. Só quando por si mesmas aceitaram pela fé Jesus e desejaram fazê-lo, foram então baptizadas. Portanto este era um assunto definido, e não só não o pratiquei mais, como sempre mostrei pela Bíblia que nunca eram baptizadas crianças, nem o batismo na água (quando em vigor) se referia a elas.

Contudo uma luta travava-se em mim, indagando a razão porque vários irmãos na Igreja onde nasci para a fé, nunca tinham sido baptizados e contudo eram membros comungantes. Durante vários anos vivi esta interrogação. Cheguei, e outros comigo, a instar com eles para que se baptizassem, mas não conseguimos persuadi-los. A maior parte já foi chamada para a presença de Deus. Como tantos outros obreiros, ensinei e pratiquei o batismo com água àqueles que se iam convertendo.

Não me envergonho de confessar que durante anos andei errado, ministrando um batismo que nada tem a ver com a Igreja — Corpo de Cristo. Hoje compreendo que o batismo de agora é efectuado pelo Espírito Santo para integração no Corpo de Cristo e por isso na Igreja.

O Senhor operou em mim este conhecimento há volta de uns 9, 10 anos, que tem sido progressivo; à medida que o vou estudando, e me vou abandonando à direcção do Seu Santo Espírito.

Há quem entenda assim, mas não tem a humildade suficiente para o confessar publicamente, com receio de perder o seu prestígio. Amado no Senhor, se é o que se passa contigo, crê que Deus não vai reprovar o teu ministério passado, que com dedicação e amor fazias, como eu, como que para cumprir uma tradição recebida dos irmãos que antes de nós assim faziam também. Quero invocar aqui um dito do amado irmão Freire, que aos 90 anos ainda dizia: "*Estamos sempre a aprender!*" É este o meu desejo: Aprender mais e mais de Cristo e da Sua Palavra!

"Aquele que receber
um destes meninos
em meu nome
a mim é que recebe."

S. Marcos, 9, 37

"Deixai vir a mim e
as crianças,
não as impeçais,
porque de tais é
o Reino dos Céus."

S. Marcos, 10, 14

"Fonde pois estas
minhas palavras
nos vossos corações
e nos vossos espíritos
... ensinai a vossos
filhos que os meditem."

Deuteronomio, 11, 18, 19

Eu José Hydio Freire

Ministro do Santo Evangelho de Jesus Cristo, nosso

Senhor, fiz em 18 de Junho de 1944 na

casa do pai, o Baptismo em Nome do Pai, do Filho e do

Espírito Santo

na solene e pública apresentação e dedicação a Deus, de

Lidia dos Santos Rodrigues

filha de Jaimé da Costa Rodrigues e

Flávia dos Santos Rodrigues

e impetrei sobre a menininha bênçãos divinas, recebendo

a promessa de seus pais, de que diligenciariam educá-

la no temor do Senhor e instruí-la nas Suas bendi-

tas Verdades.

Luzerna, 18 de Junho de 1944

José Hydio Freire

Os pais: - Jaimé da Costa Rodrigues
Flávia dos Santos Rodrigues

ANEXO B

A nossa oração é o que a seguir transcrevemos o ajude a apreciar e a gozar mais plenamente a nossa unidade com Cristo. O coração humano não pode conhecer maior alegria.

A NOSSA UNIDADE COM CRISTO

A GLÓRIA DO "UM SÓ BAPTISMO"

Por Cornelius R. Stam

Para ajudar os nossos leitores a compreenderem o impacto capital deste artigo, nós tomámos os seus cabeçalhos e sub-cabeçalhos gerais e juntámo-los conjuntamente na seguinte inversão:

A SUA IDENTIFICAÇÃO CONNOSCO

A. O Seu baptismo na **nossa raça**.

Um participante da natureza humana (aparte o pecado).

B. O Seu baptismo na **nossa culpa**.

Numerado com os transgressores.

C. O Seu baptismo na **nossa morte**.

A nossa morte tornada Sua.

A NOSSA IDENTIFICAÇÃO COM ELE

C. O nosso baptismo na **Sua morte**.

A Sua morte tornada nossa.

B. O nosso baptismo na **Sua justiça**.

Numerados com os santos.

A. O nosso baptismo no **próprio Cristo**.

Participantes da natureza divina.

Notemos as comparações nesta inversão, e observemos que do mesmo modo que o Senhor Jesus Cristo morreu a **nossa morte**, nós, crentes agora, vivemos a **Sua vida**. Assim como Ele foi tornado um connosco, nós agora somos tornados um com Ele, pelo "um só baptismo" divino do qual o apóstolo Paulo tem tanto a dizer.

Muitos dos nossos irmãos são muito defensivos acerca dos seus pontos de vista quanto ao baptismo. Eles podem discutir as suas opiniões divergentes entre si, contudo, entre os que **crêem** que o baptismo na água está incluído no programa de Deus para hoje e os que não crêem, o assunto não é exactamente discutível. Isto, em parte, deve-se ao facto de alguns se apoiarem fortemente na tradição, que tantas vezes anula e invalida a Palavra de Deus. Em parte, deve-se também ao facto de outros, que vêem a simples solução bíblica para esta controvérsia doutrinal, se tornarem algumas vezes presunçosos e vaidosos quanto ao seu conhecimento. Eles picam, ou mesmo erguem-se para ridicularizar, aqueles que ainda não a vêem. Ambas as atitudes são carnis e deveriam por isso ser vencidas.

Nós não queremos, de modo algum, procurar neutralizar a importância da questão baptismal. Desejamos sinceramente que todos os nossos irmãos em Cristo possam ver claramente a glória do "um só baptismo" de Efésios 4.5!

A. IDENTIFICAÇÃO DO SENHOR CONNOSCO

A. O SEU BAPTISMO NA NOSSA RAÇA (Um Participante da Natureza Humana)

Já alguma vez o leitor pensou no nascimento do Senhor na raça humana como sendo **um baptismo**? Foi justamente isso; o princípio do "um só baptismo" pelo qual o nosso bendito Senhor e nós fomos tornados um.

É um erro supor-se que, nas Escrituras, a palavra baptismo se refere sempre ao baptismo na **água**. Na realidade, a palavra em si denota completa e inteira identificação. O Baptismo na água, quando estava em vigor, simbolizava uma purificação completa, porém as Escrituras também falam de outros baptismos. Para se obter o significado desta palavra preso à atenção das nossas mentes, consideremos duas passagens das epístolas de Paulo:

I Cor. 12.13: "Pois, todos nós fomos baptizados por um Espírito formando um corpo ..."

Esta passagem fala claramente da fusão dos crentes "formando" o Corpo de Cristo como um todo, de tal modo que agora são **parte desse Corpo**.

Gál. 3.27: "Porque todos quantos fostes baptizados em Cristo já vos revestistes de Cristo".

Notemos as frases: "baptizados **em** Cristo" e "**revestidos** de Cristo". Também o pensamento aqui é o da completa identificação do crente com Cristo, de tal forma que ele e Cristo agora são **um**. (Ver também I Cor. 12.12,27).

Assim, apesar da **palavra** "baptismo" não ser usada para descrever a encarnação do Senhor, este facto é aludido ali com toda a verdade. Na Sua encarnação O Senhor não veio a esta terra meramente para estar **connosco**. Mas, nasceu na raça humana para se tornar **um de nós**. Tem sido bem dito que o Filho de Deus se tornou o Filho do Homem para que os filhos dos homens pudessem tornar-se filhos de Deus. O Senhor foi **baptizado na** raça humana, nascido duma virgem, "**em semelhança da carne do pecado**" (Rom. 8.3), "**como nós, em tudo tentado, mas sem pecado**" (Heb. 4.15).

Não queremos com isto implicar que Ele tivesse abandonado a Sua identidade enquanto esteve na terra, mas antes que Ele foi **verdadeiramente homem** como também foi **verdadeiramente Deus**. Lucas, "o médico amado", tem muito a dizer acerca do baptismo do Senhor na raça humana e, no seu registo do ministério terreno de Cristo, prova sem sombra para dúvidas que Ele foi participante da natureza humana, aparte do pecado.

B. O SEU BAPTISMO NA NOSSA CULPA (Numerado Com os Transgressores)

O baptismo de João foi indubitavelmente um baptismo de arrependimento e de confissão de pecados. Existe uma grande quantidade de passagens Bíblicas para substanciar esta declaração, mas citaremos apenas uma passagem que é bastante clara e suficientemente esclarecedora:

"Apareceu João Baptista no deserto, e pregando O BAPTISMO DO ARREPENDIMENTO, para a remissão dos pecados.

"E toda a província da Judeia e os de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram baptizados por ele no rio Jordão, CONFESSANDO OS SEUS PECADOS". (Mar. 1.4,5).

À luz deste facto não é estranho lermos em Mat. 3.13:

"Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, para ser baptizado por ele".

Porque é que o santo Filho de Deus devia ser baptizado? Ele não tinha pecados para confessar. Ele não tinha de que se arrepender. Ele não necessitava de purificação. Os Judeus esperavam que o Messias viesse **baptizar**, não esperavam que viesse **ser baptizado**. Foi por isso que perguntaram a João:

"Porque baptizas pois, se tu não és o Cristo ...?" (João 1.25).

Não é pois de admirar que João tivesse ficado grandemente embaraçado quando o Senhor veio para ser baptizado:

"... João opunha-se-Lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por Ti, e vens Tu a mim?" (Mat. 3.14).

Mas o Senhor persistiu, dizendo:

"... deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça" (Mat. 3.15).

É óbvio que aqui o Senhor não queria dizer que em si este baptismo cumpriria toda a justiça, mas simplesmente que esta era uma das coisas necessárias para o seu cumprimento.

Mas porque é que o baptismo na água do Senhor era necessário para o cumprimento de toda a justiça? Por uma razão muito importante que se volvia à volta do facto de este baptismo ser **uma confissão do pecado**.

Uma vez que o Senhor não tinha pecados para confessar só poderia haver uma razão para Ele se submeter a este baptismo. Ele estava a identificar-se com os pecadores. Para "cumprir toda a justiça" e vencer o abismo entre Deus e o homem. Ele tinha que "ser numerado com os transgressores", confessando os pecados deles como sendo Seus e levando a vergonha e desgraça deles.

Este foi o segundo passo na identificação do Senhor connosco⁶; uma parte integral do "um só baptismo" de Efésios 4.5, apesar de não haver sido revelado ainda como tal.

Mas houve um terceiro passo; um baptismo que O identificaria connosco muito mais intimamente que o Seu baptismo na raça humana e o Seu baptismo na nossa culpa.

C. O SEU BAPTISMO NA NOSSA MORTE (A Nossa Morte Tornada Sua)

Algum tempo depois do baptismo na água do Senhor, Ele disse aos discípulos:

"Importa, porém, que seja baptizado com um certo baptismo; e como Me angustio até que venha a cumprir-se!" (Luc. 12.50).

À luz de Mar. 10.38,39, e à luz do facto de Ele já ter sido baptizado na água, é evidente que o Senhor se referia aqui ao Seu baptismo na morte, na cruz, que ocorreria num futuro próximo. Vejamos como Ele se apresenta perante Pilatos:

"E, sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu."

⁶ À objecção do leitor, de que Ele estava ali identificado com Israel e não connosco, nós replicamos que, então, Israel era ainda a única nação reconhecida por Deus, e assim representava toda a raça humana. Cf. João 2.24-3.1: "**Ele conhecia todos os homens ... Ele sabia bem o que havia no homem**", e depois: "**Havia** entre os Fariseus **um homem**, chamado Nicodemos, **príncipe dos Judeus**".

"Disse-lhe então Pilatos: Não ouves quanto testificam contra ti?"

"E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o presidente estava muito maravilhado" (Mat. 27.12-14).

Mas **porque é que** Ele não respondeu? Ele não fora culpado daqueles crimes. Ele poderia ter emaranhado em laços os Seus acusadores, expondo-lhes ao mesmo tempo os seus pecados.

Ah, porém Ele queria levar a culpa dos pecados **deles** — e teus e meus. Apresentando-se ali, mudo e condenado em nosso lugar, Ele levou o Seu propósito até ao fim.

Ele tinha-se identificado com os homens para os salvar. Ele tinha sido numerado com os transgressores na **confissão** do pecado; agora estava a ser numerado com eles na pena da sua **condenação**, ao morrer numa cruz entre dois ladrões, para **aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo**".

Foi este baptismo que O levou a usar expressões como as seguintes: **"Como me angustio até que venha a cumprir-se!"** **"Agora a Minha alma está atribulada. Oh, Pai Meu, se for possível passa de Mim este cálice"**. Foi o baptismo que O tornou **"extremamente doloroso"** e O levou a **"suar, como que grandes gotas de sangue"**, e finalmente a exclamar dos Seus lábios aquele clamor cheio de ardor: **"Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?"**.

A morte de cruz! Foi esta a culminação, o auge, o apogeu, o zénite, do Seu baptismo na raça humana. Quão triste é que milhares de clérigos estejam a induzir os seus ouvintes à apostasia com os seus falsos ensinamentos acerca de Jesus Nazareno e do Homem da Galileia, ao suporem que Ele veio ao mundo para nos mostrar como devemos viver, quando a Palavra de Deus declara claramente que **"Cristo Jesus veio ao mundo para SALVAR os pecadores"**, que Ele **"se deu a Si mesmo em PREÇO DE REDENÇÃO por todos, para servir de testemunho a seu tempo"**, por meio do apóstolo Paulo, o principal dos pecadores salvo pela graça. (Ver I Tim. 1.15; 2.6,7).

Mas esta não é a história completa do "um só baptismo". Assim como o Senhor se identificou voluntariamente connosco, pecadores, nós devemos identificarmo-nos com Ele, por um acto de fé. Há apenas um lugar onde isto pode ser conseguido: **no Calvário!**

A NOSSA IDENTIFICAÇÃO COM CRISTO

C. O NOSSO BAPTISMO NA SUA MORTE

(A Sua Morte Tornada Nossa)

Como a Palavra de Deus ainda vocifera a sua repreensão, por meio de Paulo, aos que minimizam o carácter e valor da morte de Cristo no Calvário, e que assim não compreendem **como** os crentes são "baptizados em Jesus Cristo"! Num distinto tom de reprovação, o apóstolo pergunta:

"Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na Sua morte?" (Rom. 6.3).

O seu significado é suficientemente simples. É somente quando nos tornamos um com Cristo **na Sua morte** que nos tornamos um com **Ele**. O Calvário é sempre o local de reunião entre Deus e o pecador que queira ser salvo.

Como o Senhor foi ao Calvário morrer a nossa morte, assim **nós** devemos ir ao Calvário e reconhecer em fé: "Esta morte que Ele está a morrer não é a Sua morte. 'A alma que **pecar** morrerá', 'O **pecado** quando consumado gera a morte', 'O salário do **pecado** é a morte'. Mas ele não é pecador. Ele está a morrer a **minha** morte, e eu creio, e aceito gratamente o Seu amor e graça e reconheço-O como meu Senhor e Salvador".

Só quando colocamos a nossa confiança n'Aquele que morreu a nossa morte, é que **nós** somos batizados na **Sua** morte, tornando-se agora nossa a **Sua** morte, paga em preço de redenção. E só assim nos tornamos um com Ele, "**baptizados em Jesus Cristo**". Nunca ninguém foi "**baptizado em Jesus Cristo**", sem que necessariamente não tivesse sido "**baptizado na Sua morte**".

Era assim que Paulo via a morte de Cristo em relação ao crente.

"Sabendo isto, que o nosso homem velho foi COM ELE CRUCIFICADO..." (Rom. 6.6).

"Estou CRUCIFICADO COM CRISTO" (Gál. 2.20).

"**Crucificado com Cristo!**" "**Baptizados na Sua morte!**" Quão glorioso não ,, é conhecer e gozar esta verdade!

B. O NOSSO BAPTISMO NA SUA JUSTIÇA (Numerados Com os Santos)

Ora assim como Cristo foi batizado na **nossa culpa**, assim nós também fomos batizados na **Sua justiça**. Ele não "cumpru **toda** a justiça", ao pagar pelos nossos pecados? E essa justiça agora não é nossa, uma vez que fomos "baptizados em Jesus Cristo", o Justo? Não era isto que o apóstolo queria dizer, quando por inspiração escreveu:

"... **Jesus Cristo ... para nós foi feito ... justiça**" (I Cor. 1.30).

"... **pela obediência de Um, muitos serão feitos justos**" (Rom. 5.19).

"... **novo homem ... é criado em verdadeira justiça e santidade**" (Ele. 4.24).

"**Àquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; PARA QUE N'ELE FOSSEMOS FEITOS JUSTIÇA DE DEUS**" (II Cor. 5.21).

A Igreja Romana não vê isto. Segundo os seus ensinamentos só os que morreram há séculos se podem tornar santos. Porém a Palavra de Deus ensina que quando o Senhor assumiu a nossa culpa, nós, que cremos, recebemos a Sua justiça — aqui e agora. Assim como Ele "foi numerado com os transgressores", **nós agora** também somos numerados com os santos! Deus vê-nos, não na nossa pobreza, mas "**em Cristo**"! Somente isto explica como o apóstolo podia escrever aos crentes dos seus dias que tinham falhado — mesmo aos descuidados Coríntios — como "santificados em Cristo Jesus" e "chamados santos" (I Cor. 1.2). O apóstolo apelidava-se de "o menor de todos os santos" (Efé. 3.8), o que indica que embora tivesse sido um perseguidor da Igreja, se considerava contudo um santo. É por isso que a santidade depende, não da nossa conduta, mas da nossa posição diante de Deus, e o crente mais pobre é um santo aos olhos de Deus, porque Deus o vê em Cristo". Poderia haver maior incentivo para O amar e viver para Ele?

A. O NOSSO BAPTISMO NO PRÓPRIO CRISTO (Participantes da Natureza Divina)

Como vimos, os que têm sido batizados na morte de Cristo (o Seu justo pagamento pelo pecado), têm assim sido batizados no próprio Cristo. Tornaram-se um com Ele na Sua morte. Era ali que residia o ponto de contacto.

Não se seguirá daqui que, uma vez que Cristo ressuscitou de entre os mortos e ascendeu à mão direita do Pai, "acima de tudo", a Sua ressurreição e ascensão é a **nossa** ressurreição e ascensão, e que n'Ele temos agora uma posição à dextra de Deus?

Quando Pedro escreve na sua segunda epístola acerca da "**graça multiplicada**" (1.2), e acerca das "**grandíssimas e preciosas promessas**" pelas quais os crentes se tornam "**participantes da natureza**

divina" (Ver. 4) não cremos que ele se esteja a referir às promessas respeitantes ao reino. Nós cremos que ele aprendeu isto de Paulo, como II Ped. 3.15-18 indica.

É certo que só os "baptizados em Jesus Cristo" podem agora ser "participantes da natureza divina" e da posição divina que é nossa no Senhor ressuscitado e glorificado. Vejamos o que o apóstolo Paulo tem a dizer acerca disto:

"... todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na Sua morte."

"De sorte que fomos sepultados **COM ELE** pelo baptismo na morte; **PARA QUE, COMO CRISTO RESSUSCITOU DOS MORTOS, PELA GLÓRIA DO PAI, ASSIM ANDEMOS NÓS TAMBÉM EM NOVIDADE DE VIDA**" (Rom. 6.3,4).

Não é isto participar da natureza divina e viver a vida ressuscitada de Cristo?

"Porque **NELE** habita corporalmente toda a plenitude da divindade";

"E estais perfeitos **NELE**, que é a cabeça de todo o principado e potestade";

"**NO_QUAL** também estais circuncidados com a circuncisão **NÃO FEITA POR MÃOS** no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo";

"Sepultados **COM ELE**⁷ no baptismo, **NELE** também ressuscitado pela fé **NO PODER DE DEUS**, que O ressuscitou dos mortos" (Col. 2.9-12).

O crente aqui também é visto viver a vida ressurecta **com Cristo**.

"Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou",

"Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente **COM CRISTO** (pela graça sois salvos)".

"E nos ressuscitou juntamente **COM ELE** e nos fez assentar nos lugares celestiais, **EM CRISTO JESUS**" (Efé. 2.4-6).

Estes são alguns dos gloriosos resultados do nosso baptismo na morte de Cristo. Ao tornarmo-nos um com Ele **na Sua morte**, tornámo-nos um **com Ele**, e assim viemos com ele à vida ressurecta e à glória celestial! **Este** é o "um só baptismo" que tanto tem significado para nós que reconhecemos o carácter distinto da revelação entregue a Paulo para os crentes de hoje. Que Deus nos ajude a apropriar e a gozar as ricas bênçãos espirituais que estão envolvidas neste "um só baptismo". Isto de modo algum diminui a nossa apreciação do nascimento de Cristo. Pelo contrário aprofundará a nossa apreciação deste evento maravilhoso pelo qual Cristo foi baptizado na humanidade, e induzir-nos-á a regozijarmo-nos mais na Sua vitória sobre o pecado e morte, e na Sua presente exaltação "acima de tudo".

Já não conhecemos o Senhor
Como "o Homem da Galileia" sofredor;
Exaltado agora no mais elevado céu,
Encontra-se à dextra de Deus, para lá do véu.

E ainda nos lembramos bem
Que para nos tornar com Ele um
Veio morrer como Filho do Homem,
Para que pecado ficasse nenhum.

⁷ Notemos: não "**como** Ele".

Baptizado na raça humana,
Baptizado na nossa morte;
Tomou sobre Si nossa culpa profana,
Suportou vergonha e ira forte.

Assim agora pela fé em Cristo somente,
Tomamos no céu o nosso lugar;
E para sempre justificados do pecado impenitente,
Somos agora troféus da Sua graça singular.